

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

VERLENE FERREIRA MESQUITA

ATRAVESSAMENTOS MULTICULTURALISTA
De casa para a sala de aula

MANAUS

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

VERLENE FERREIRA MESQUITA

ATRAVESSAMENTOS MULTICULTURALISTA

De casa para a sala de aula

Dissertação apresentada à Banca para Exame de defesa
junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES.
Linha – Abordagens teórico-metodológicas das práticas
docentes.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanja Poty Sandes Gomes
Menezes

MANAUS

2023

Ficha Catalográfica

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

M582a Mesquita, Verlene Ferreira
Atravessamentos multiculturalista : de casa para a sala de aula /
Verlene Ferreira Mesquita . 2023
62 f.: 31 cm.

Orientadora: Vanja Poty Sandes Gomes Menezes
Dissertação (Mestrado Profissional em Artes) - Universidade
Federal do Amazonas.

1. Dança. 2. Escola. 3. Multiculturalismo. 4. Educação. 5. Arte. I.
Menezes, Vanja Poty Sandes Gomes. II. Universidade Federal do
Amazonas III. Título

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRO-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
FACULDADE DE ARTES
MESTRADO PROFISSIONAL EM ARTES - PROFARTES

VERLENE FERREIRA MESQUITA

ATRAVESSAMENTOS MULTICULTURALISTA

De casa para a sala de aula

Dissertação apresentada à Banca para Exame de defesa, junto ao Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES. Linha –Abordagens teórico-metodológicas das práticas docentes

Aprovado em 03/08/2023

BANCA EXAMINADORA

Presidente e Orientadora: Prof.^a Dr.^a Vanja Poty Sandes Gomes Menezes

Membro: Prof.^a Dr.^a Rosemara Staub de Barros

Membro: Prof.^a Dr.^a Vanessa Banites Bordin

Suplente: Prof. Dr. Renato A. Brandão Medeiros Pinto

Suplente: Prof. Dr. Dario Vieira

MANAUS

2023

RESUMO

O presente artigo traz uma análise da trajetória da autora, sua relação com a educação, a arte, a dança, conectando informações das suas experiências com o multiculturalismo, e apontando alguns referenciais teóricos que discutem esta temática no ambiente escolar, e no que se refere a legislação que alteraram a LDBEN – a Lei 10.639/03 que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e culturas afro-brasileira, africanas e indígenas na educação básica. Porém, no decorrer da pesquisa, a autora recebeu o diagnóstico de *burnout*, o que acarretou mudanças no processo da pesquisa, visto a dificuldade em estruturar o raciocínio, compreender e desenvolver textos. Assim, resgata relatos vividos dentro do ambiente escolar, que se conectam ao multiculturalismo, e as diversas situações que um professor/professora passa em sala de aula, estruturando sua vivência, enquanto professora de artes de uma instituição pública de ensino. Ao entendermos que a escola deveria ser um espaço para todos, porém, infelizmente, percebemos muitas formas de violência, como machismo e preconceito racial, torna-se necessário trilhar um caminho que tenha o respeito como fundamento. Assim, conhecemos a jornada de descoberta de uma mulher negra, feminista, professora e artista, que teve que desacelerar e respeitar os limites do seu corpo. Apresenta algumas das referências do áudio visual que cooperaram nesse processo de identificação, como Emicida (2020) dirigido por Fred Ouro Preto, Sankofa (2020) obra dirigida por Rozane Braga. Da mesma forma, aporta referências bibliográficas como Scott (1990), Nicholson (1994), Freire (2019), Hooks (2017), Candau (2010), Pompino (2018), Sampaio (2015), Strazzacappa (2001).

Palavras-chave: Dança; Escola; Multiculturalismo; Educação; Arte.

ABSTRACT

This article provides an analysis of the author's career and her involvement with education, art, and dance, connecting information from her experiences with multiculturalism and pointing out some theoretical references that discuss this issue in the school environment and with regard to the legislation that altered the LDBEN - Law 10.639/03, which establishes the compulsory teaching of Afro-Brazilian, African, and indigenous history and cultures in basic education. However, during the course of the research, the author was diagnosed with burnout, which led to changes in the research process given the difficulty in structuring reasoning, understanding and developing texts. In this way, she recalls stories she has experienced in the school environment, which are connected to multiculturalism and the various situations that a teacher goes through in the classroom, structuring her experience as an arts teacher at a public school. When we understand that school should be a space for everyone, but unfortunately we see many forms of violence, such as sexism and racial prejudice, it becomes necessary to follow a path that has respect as its foundation. This is how we learn about the journey of discovery of a black woman, feminist, teacher, and artist who had to slow down and respect the limits of her body. It presents some of the audiovisual references that helped in this identification process, such as *Emicida* (2020) directed by Fred Ouro Preto, *Sankofa* (2020) directed by Rozane Braga. It also provides bibliographical references such as Scott (1990), Nicholson (1994), Freire (2019), Hooks (2017), Candau (2010), Pompino (2018), Sampaio (2015) and Strazzacappa (2001).

Keywords: Dance; School; Multiculturalism; Education; Art.

Dedico esse trabalho a todos que foram silenciados, e a todos
que compreendem que existe um momento que é necessário
falar, rasgar o verbo.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a Deus, por me permitir chegar até aqui. A minha mãe Tânia Maria, que continua me apoiando em tantas coisas. As minhas amigas queridas, com quem divido tempo, energia, projetos, trabalho, a vida... Jaqueline Santos, Brisa Ramos e Tayane Kerollen, que me acompanharam de perto nesse processo complexo. Ao Álvaro Gonçalves que ficou ao meu lado nesse desafio, me incentivando sempre a dançar. As médicas que estão sendo incríveis, me acompanhando a mais de um ano: Dr^a. Daniele Holanda e Dr^a. Marília Alvarenga, eu só posso agradecer o cuidado, atenção e dedicação.

Agradeço a minha orientadora Vanja Poty, que esteve me acompanhando durante o mestrado. Ao Coordenador do curso Professor Renato Brandão.

A Prof^a. Rosemara Staub, que é uma “anja”! surpreendentemente me estendeu a mão, durante o processo, principalmente quando eu já tinha pensado em desistir. Obrigada professora, por sua atenção, e dedicação.

Muito obrigada PROFESSORAS!

Quero agradecer a Banca examinadora, que dedicou seu tempo a este trabalho.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. MEMORIAL.....	9
1.1 HOJE – LUGAR NÃO PERMANENTE.....	20
2. METODOLOGIA.....	24
2.1 Complexidades na pandemia.....	24
2.2 SALA DE AULA: LUGAR SENSÍVEL.....	26
2.2.1 Xenofobia.....	27
2.2.2 Gravidez na adolescência.....	28
2.2.3 Discussões sobre identidade de gênero	31
2.3 SALA DE AULA, INÍCIO DE 2022.....	34
2.3.1 Percepções teóricas sobre o corpo e o ambiente escolar	35
2.3.2 Sequência didática.....	37
3. RESULTADOS E DISCUSSÕES	41
3.1 TRANSFORMANDO	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	57

INTRODUÇÃO

Durante as aulas no Mestrado Profissional em Artes-PROFARTES, fui questionada, incentivada, instigada sobre várias ideias, mas um questionamento me atravessou de forma diferente, sendo: qual o momento que comecei a conhecer a dança, quais eram as primeiras lembranças que tinha em minha memória, desde a infância até adolescência, seguindo para a fase da juventude, resgatei lembranças que nem imaginava que estavam ligadas com tudo o que estudo/ensino atualmente.

Ao submeter a proposta para o Profartes, meus pensamentos eram totalmente diferentes em relação a minha trajetória, até então não havia ido tão a fundo. Outro pensamento que tinha, era em relação ao tema da pesquisa, pensava em apresentar algo sobre as metodologias para uma educação antirracista.

Porém, durante esse percurso do mestrado, recebi o diagnóstico de *burnout*, e isso me fez olhar para a educação multiculturalista, visto que foi uma das teorias estudadas durante o início da pesquisa, havia começado a estudar a fim de compreender a importância dos estudos e desenvolvimento de novas metodologias que tratem de questões que atingem as minorias, ou os que são invisibilizados na sociedade.

Então aqui pretendo apresentar a minha trajetória, enquanto mulher, preta, nascida e criada na zona leste da cidade de Manaus, artista, professora, produtora cultural, bailarina clássica, bonequeira, palhaça, alguém que acredita no poder transformador da arte. E que devido à pesquisa, passei a entender o multiculturalismo na perspectiva de Moreira e Candau (2010, p. 12) “Multiculturalismo em educação envolve, ainda, um posicionamento claro a favor da luta contra a opressão e a discriminação” e reconhecemos que a história de grupos minoritários em nosso país, e no estado do Amazonas são marcados por uma trajetória de submissão a grupos mais poderosos e privilegiados e opressores, que reverberam em nossa sociedade, e principalmente dentro do ambiente escolar, e dos estudos relacionados a arte.

Na tentativa de responder a essas inquietações nos fundamentamos em autores como, Freire (2019), Hooks (2017), Candau (2010), Ponpino (2018), Sampaio (2015), Strazzacappa (2001). Estes autores foram selecionados por apresentarem correlações com o estudo da educação.

1. MEMORIAL

Quando falo sobre os caminhos que trilhei na arte, associava a partir do momento que comecei a fazer aulas de teatro no Centro de Artes Claudio Santoro, com a Professora Selma Bustamante, eu tinha apenas onze anos, e me destaquei produzindo os elementos da cenografia leve. Mas a partir da pergunta percebi que não era esse o ponto de partida.

Trazer a memória desde a minha infância, me recordou a minha casa, os meus avós que com tanto amor, ajudaram na minha criação após a separação dos meus pais. E na frente da residência, havia um ponto comercial, uma taberna, era a Mercearia Bezerra, onde meu avô, todos os dias, ligava um aparelho de rádio, que tocava disco de vinil, e ele mesmo saía dançando pela taberna, e rindo alto, exibindo a sua performance, e minha avó torcia a boca, revirava os olhos e dizia: “esse José”! Era um momento de descontração.

Em, 1988, entre meus dois e três anos, a lambada, era um estilo de música/dança que estava fazendo muito sucesso, era um impulso natural querer dançar, aquela música frenética, sacudir a saia, dançando com o meu tio mais novo, que sempre tinha um momento para brincar e dançar, ele foi um dos primeiros que vi, estar vestido com uma indumentária completa, para dançar no boi corre campo, e minha mãe me levou para assistir à apresentação, era de encher os olhos, e sentir as batidas dos instrumentos dentro da minha caixa torácica.

Nessa investigação descobri essa lembrança tão rica da cultura popular brasileira. E sobre essa temática, especificamente, tenho uma memória, a partir das histórias da minha avó que nasceu no Nordeste, no Rio Grande do Norte, onde uma de suas irmãs, que sempre amou dançar, fundou uma quadrilha, chamada Lasca o pau, para dançar durante as comemorações juninas, sempre contando muitos detalhes das indumentárias, da euforia e determinação de todos que participavam, essa memória é sonora e imaginativa, já que nunca assisti pessoalmente.

É para mim como um “áudio descrição”, “uma história contada”. Entre tantas, que essa mulher de origem nordestina, contava, e eu incansavelmente ouvia. Além das histórias das pastorinhas que ela interpretou, contando a cena das rosas cheirosas, uma canção que sempre ela cantava em casa, ou relatando a cena do bêbado que ela já havia interpretado, Maria de Lourdes dizia que era “drama”, que

ela fazia “drama”, o famoso teatro. Entre tantos saberes era bordadeira e lavadeira, filha de uma mulher rendeira. Essas memórias me atravessam e me fazem perceber a riqueza cultural que tive dentro de casa.

A fase escolar, tenho a lembrança, dos jograis, das poesias que li em datas comemorativas, nos anos iniciais. Posteriormente, por volta de 1997, lembro do primeiro festival folclórico na escola que participei, fiquei um pouco assustada com o número de pessoas. Nesse período as músicas que faziam sucesso era o *axé music*, o grupo “É o *tcham*” fazia sucesso, e todos queriam aprender e reproduzir as coreografias do grupo que tocavam em muitos lugares em Manaus. No ano seguinte, organizei e puxei a quadrilha da escola, com a supervisão de dois professores, ali percebi o encanto e a diversão, de estudar um assunto, pesquisar, ensaiar, executar um projeto de dança enquanto adolescente, descobri possibilidades, com a dança, e a interpretação, foi emocionante.

Nunca tive uma professora ou professor de artes, nas escolas que estudei, todos os que tinha esta incumbência, sempre passam desenhos, ou falavam sobre outras coisas, lembro de uma professora que nos passou uma atividade para montar um mobile, no final do ano, era para poder passar de ano em artes, tínhamos que entregar aquela peça feita artesanalmente, utilizando palitos de picolé e cola, poderia pintar. Me recordo de ter feito a atividade e ainda vendi duas peças para os meus colegas que não conseguiram fazer.

Quando completei dezoito anos comecei a dançar na igreja, daí começou a minha inquietação, de tentar entender “de onde se criava os movimentos?” “como estudar a dança?” na época duas colegas haviam feito o vestibular para o curso de dança, passaram e tinha iniciado os estudos, eu ainda não me via capaz o suficiente, para encarar esse curso, que na época era necessário passar por uma prova prática. Fui estudar Serviço Social, em uma universidade privada, trabalhava durante o dia, e estudava a noite, e descobri no segundo período da graduação que não gostaria de exercer aquela profissão, foi quando prestei o vestibular para licenciatura em dança na Universidade do Estado do Amazonas, em 2008, naquele tempo ainda havia dois vestibulares durante o ano. E no segundo bimestre deste ano, ingressei no curso de dança, previamente recebi a orientação de uma amiga, sobre a prova prática, porque oficialmente eu nunca havia estudado ballet clássico, e era um dos estilos de dança que eram avaliados durante a prova, além deste estilo, era necessário seguir uma aula de dança contemporânea e improvisação em dança.

Daqui em diante começo a contar sobre a minha trajetória acadêmica, passei em todas as provas.

Cinco de outubro de dois mil e oito, foi a data que começaram as aulas, obvio que foi daí em diante que a minha ficha caiu, entendi que dali em diante a minha meta, era concluir o curso em quatro anos, sendo este curso de licenciatura em dança, com aulas no formato teórico e prático, e eu tinha pouquíssima experiência com a prática da dança, fora do ambiente congregacional, e do senso comum, das danças populares. As aulas das técnicas, clássica, contemporânea, me assustavam um pouco, por entender, que ali o foco não era ensinar os “passos” desde o início, ficava subentendido que todos precisavam chegar com um conhecimento do básico de cada uma das técnicas, enfim, havia muito trabalho pela frente, e o que me cabia era, me esforçar para aprender, entender, reproduzir, repetir, refazer, aprender, absorver, eu estava pronta para a vida acadêmica, na minha opinião.

Foram oito períodos, os quatro primeiros se dividiam entre aulas teóricas: de anatomia, cinesiologia, metodologia da pesquisa, psicologia da dança, história da dança, história da arte, entre tantas outras. E aulas práticas: de ballet clássico, dança contemporânea, e improvisação em dança.

Como falei anteriormente, eu não tinha experiência prática, e é obvio que passar vergonha não era o objetivo de cada aula, mas eram diversas informações para absorver por minuto, de um estilo de dança antiatômico, daí fui visitar uma escola de ballet que existe em Manaus há quase vinte anos, o Ballet Álvaro Gonçalves, por ser uma escola credenciada na metodologia inglesa, e uma das poucas escolas que possui uma certificação.

Em dois mil e nove comecei a fazer aula, para entender esses caminhos de pernas e braços que se movem ao mesmo tempo, e que dentro dessas informações elas precisam se tornar naturais, para dar espaço a toda interpretação e expressividade de um artista, ali foi o início de um percurso que durou dez anos de estudos da técnica, depois contarei mais sobre essa experiência, porque na graduação eu reprovei no segundo período da matéria de ballet clássico, por um décimo. Enfim, depois cumpri a disciplina e fui aprovada.

Nessa fase, descobri os editais culturais, e fiz a primeira inscrição, com uma proposta de intercâmbio, para aprender sobre maquiagem artística, achava estranhas as pessoas, dançarem ou interpretarem sem uma caracterização completa. Enfim fui aprovada, por duas vezes, e fui fazer dois cursos na área de

maquiagem artística e caracterização de personagens, e durante a minha trajetória acadêmica, quando havia a possibilidade, gostava de participar de oficinas, cursos, para compreender esse universo na área das artes, então consegui participar de alguns encontros que foram corroborando para afinar o meu olhar e senso crítico sobre esse universo, oficinas de dramaturgia, cenografia, iluminação, *clown*, teatro de animação, elaboração de projetos, e entre outras tantas oficinas, espetáculos, que pude fruir, a fim de absorver mais informações que fortalecesse nessa fase acadêmica.

O quinto período foi marcante, no processo de descobrir essa professora, artista e pesquisadora, que estava em processo de formação em mim, definir temas de pesquisa, realizar um estudo direcionado, a turma foi separada entre bacharéis e licenciados, daí em diante, a missão da docência se consolidava, por conta das matérias pedagógicas, a fim de direcionar esse processo.

Quando chegamos no sétimo período foi publicado um edital do Programa Ciências sem Fronteiras, do Governo Federal, com bolsas de estudo para algumas universidades europeias, li, me inscrevi, passei em todas as fases, e em 2012 fui para o intercâmbio, com uma bolsa de estudos, de graduação sanduíche, para a Universidade de Bologna, na Itália. Com duração de um ano, a graduação sanduíche permitia selecionar as disciplinas que eu poderia fazer, então escolhi cinco matérias para cursar em um ano, no curso de arte do espetáculo ao vivo.

As diferenças entre a universidade de Bologna para a Universidade de Manaus eram inúmeras, primeiramente, não há aulas práticas, as aulas teóricas são intensas, e o foco é que o aluno se torne um crítico de artes, outra coisa interessante é que as provas são orais, não há provas escritas.

No entanto, havia muitas coisas para serem ajustadas nessa vida de intercambista, a moradia, foi uma delas, comecei a dividir a casa com outras duas brasileiras de regiões diferentes, uma de São Paulo, outra do Rio Grande do Sul, na qual nos tornamos amigas, e sou madrinha da filha de uma delas, isso significa um pedaço do meu coração no sul do Brasil.

Mas voltando a universidade, sobre as cinco disciplinas que acompanhei, as matérias de: Metodologia da crítica de artes, Forma da cena Multimídia, Filosofia e teoria da Arte, Teoria e cultura da representação e teoria e técnica da composição dramática, disciplinas incríveis, com discussões intensas e embasadas, mas na hora de realizar as provas optei por uma disciplina apenas, e conquistei a maior nota.

Com fortes emoções por todo o formato diferenciado, no que se referia a avaliação oral, decidi me concentrar em apenas uma matéria, mas tudo que ouvi, vi, experimentei, foi de grande valia no meu processo de formação, mesmo diante do desafio de aprender rapidamente o idioma. E ainda consegui participar de um seminário com dez encontros sobre performance, na teoria do Richard Schecner, mediado por uma professora na época recém retornada do curso nos Estados Unidos, apresentando a teoria, da performance no sentido do jogo e da análise, o seminário seguiu para que em grupos pequenos, fosse elaborado um artigo, com a análise de uma performance, o grupo que participei analisou o pedido de demissão do Papa.

Chegar a fase final do intercambio, foi excelente, pude experimentar um ano integralmente dedicado aos estudos na área de artes, infelizmente pela crise econômica em 2013, não foi possível realizar o estágio, muitos espaços culturais estavam fechados na época, conhecer outra cultura, é sempre especial, mesmo quando você passa por situação de racismo, preconceito e choques culturais, isso te permite amadurecer.

Enxergar que ser brasileira, mulher, preta, não fumante, heterossexual, estudante em uma Universidade Pública, que teve a oportunidade de estudar em uma Universidade Italiana, gerava em alguns olhares preconceituosos. Quando não, na cidade, algumas situações de assédio que sempre começavam com a pergunta: “você é brasileira?” sem dúvidas foi um período de autoafirmações, de maturação de quem sou.

Enfim retornei a Manaus, restava apenas a monografia para concluir, e defender, e assim foi. Com o tema: “Apreciação estética da dança em escola pública: processos motivacionais para o olhar sensível à dança.” Realizei a pesquisa, defendi, e em todo o processo percebi como o acesso à arte é escasso, como é significativo para o desenvolvimento de uma criança. E que é necessário haver mais políticas públicas que cooperem para que os direitos humanos de fato sejam efetivos em nossa região.

Daí seguimos para a colação de grau, honrosamente fui a oradora da turma, e ao final desta cerimonia, ao cumprimentar a minha orientadora, ela disse em palavras, e com o olhar: “agora somos colegas de profissão”. Essa frase me fez entender que dali em diante, eu não tinha apenas um canudo na mão, um certificado de um curso de quatro anos, mas que precisava cumprir a missão que cabe a

alguém que se torna licenciado, a arte da docência. (Obrigada querida Professora Meireane Carvalho).

Dias depois estávamos comemorando, entre amigos, professores, familiares, essa conquista, que sem dúvidas é coletiva. E agora se passaram quase dez anos, e me sinto grata por tudo e a todos que estiveram, ou de certa forma colaboraram no meu processo de formação.

Paralelamente, cursando a faculdade, um pouco antes de ingressar, recebi um convite da Diretora artística Jaqueline Santos Ferreira, fundadora da Cia. de Arte Cristã, que me convidou para integrar o grupo, em dois mil e sete, convite este que aceitei, e onde aprendi, experimentei, na prática, todo o processo de criação.

Principalmente por se tratar de um grupo que nasceu em 1990 em um período onde o artista precisava saber resolver todas as suas necessidades técnicas, desde iluminação, a sonoplastia, montagem de cenários, e quais quer outras necessidades que surgissem, e filosoficamente, um grupo inter denominacional, que nunca esteve vinculado a nenhum tipo de igreja, mas tem sua base filosófica pautado no cristianismo, e isso também não significava para este grupo ter seus espetáculos falando apenas sobre o cristianismo, mas sempre foi aberto a temas variados.

Particpei de alguns espetáculos de dança, como o “Corpo feito cenário” coreografado por Cinara Dias, fiz o monologo o “Coração da Artista” dirigida Por Jaqueline Ferreira, e com ela aprendi a manipulação de bonecos, estilo *muppets*, onde criamos alguns espetáculos infantis, entre eles: A ovelhinha bebe, Dona Baratinha vai se casar, o bodó boco, A pequena amarela, A Árvore Rabugenta especialmente foi o espetáculo que mais apresentamos, e que marcou a minha vida. Nesse trabalho eu era a árvore, e em um determinado momento da história, aparecia um pesquisador que dizia para árvore que era um lenhador, e que se ela não mudasse o comportamento rabugento com os bichos, ele teria que ser cortada nesse momento quebrava-se a quarta parede e o pesquisador perguntava ao público se ela merecia ser cortada, sempre ouvimos a resposta: “CORTA!”, e certo dia fomos apresentar, no Centro Cultural Povos da Amazônia, onde havia uma biblioteca e um espaço infantil e naquele dia haviam as crianças de uma escola que atendiam portadores de necessidades especiais, quando chegou o momento da pergunta do lenhador, as crianças gritaram, “Não! Não corta ela, tem que perdoar! Como o espetáculo de bonecos, sempre fizemos ao vivo, a Jaqueline e eu

imediatamente improvisamos o final da história, porque ineditamente, o público deu a resposta que nunca havíamos recebido, e que nos causou uma forte emoção, por tanta gentileza com a árvore rabugenta.

E entre tantos desafios artísticos, que sempre recebemos no grupo, nós começamos em 2008 a estudar a técnica do palhaço/clown, então nasceu aos poucos a Cacau, minha palhaça, que gosta de brincar, contar histórias, passear, com ela aprendi muitas coisas, porque o palhaço é sem dúvidas um ser que nos conecta ao sensível, ao que é menor, ao que está a margem, de uma forma gentil, e na Cia. formou-se um grupo, que tinha o acompanhamento de uma banda, a trupe era composta pela Cheirosa, o Caju, a Aleluia e a Cacau.

Em 2014 fomos convidados pelo Instituto Amazônia na pessoa de Monica Bologna a participar do evento: Portas do Passado abrindo janelas para o futuro, nesse projeto nós fizemos uma intervenção artística, cantando, e fazendo algumas esquetes. Esse projeto era pautado na história de Manaus nos anos de 1920, tendo como referência as obras de Moacir de Andrade, a rua Bernardo Ramos, foi completamente transformada, nessa Manaus de antigamente, com personagens vivos e caracterizados no contexto dos anos 20, foi um projeto incrível, inicialmente eu fui como convidada da Professora Lia Sampaio, para dar uma oficina de maquiagem, para os atores, e recebemos esse convite que se estendeu a Cia. no qual aceitamos, e foram quatro finais de semana realizando esta ocupação artística enriquecedora.

No ano seguinte, em 2015, a comunidade São Vicente, que está situada no centro histórico de Manaus, em comemoração ao carnaval, nos convidou para fazer o carnaval para as crianças da comunidade, e mais uma vez aceitamos, e no período referente a copa do mundo a Cia. estava envolvida em uma campanha de combate à exploração sexual de crianças e adolescentes, então foi extremamente significativo, estar próximo a esta comunidade e poder estender a ação desta campanha de proteção a crianças e adolescentes.

Assim começamos a participar do Projeto Casa do Frei, iniciativa da OSC do Instituto Amazônia localizado na Rua Bernardo Ramos em Manaus, que nasceu em 2015 no centro histórico de Manaus, atendendo a 120 famílias, moradoras daquela região onde a maioria da população conhece como o baixo meretrício, perto da praça das primas, como a maioria das pessoas conhece. Esse projeto social, estava

iniciando seus trabalhos efetivamente, e nos apaixonamos pela história viva presente ali naquela região onde nasceu a nossa cidade.

Uns meses depois recebi o convite para estar responsável por uma das casas, dedicada as artes, onde funcionaria o Caminhos da Arte, integrado ao projeto da Casa do frei, em 2016, nasceu o espaço cultural Caminhos da Arte, onde estive responsável pelas atividades relacionadas as aulas de dança, teatro, experimentações circenses, apresentações artísticas, tanto dos alunos, quanto de outros grupos que se apresentaram naquele lugar. O projeto esteve a pleno vapor até o final de 2019, onde realizamos a apresentação no teatro da Instalação do espetáculo: “Caminhos do Coração” organizado por mim, e pelas professoras: Jaqueline Ferreira, Kelly Vanessa e Stefany Rojas.

O Caminhos da Arte, era um espaço cultural que semanalmente atendia cerca de noventa alunos com aulas de ballet clássico, teatro, tanto para crianças, adolescentes e adultos, aulas de tecido, experimentações circenses, malabares, aulas de dança de salão, e quais quer outras oficinas relacionadas as artes.

Desde sua inauguração, sempre recebemos diversos artistas locais ou nacionais, com suas apresentações, ou oficinas. E, também. recebemos estagiários de diversas linguagens a fim de cooperar efetivamente com a pesquisa e extensão de projetos.

Estávamos nos organizando para retornar as atividades em 2020 quando nos sobreveio a pandemia, e durante este tempo a equipe de assistência social do projeto, esteve atendendo as famílias, captando e realizando a doação de alimentos e quais quer outras benfeitorias que pudessem chegar as pessoas em vulnerabilidade social. O Caminhos nasceu a partir de um convite feito pelos diretores do Instituto Amazônia, que desenvolvem um projeto de requalificação do centro histórico de Manaus, e entenderam que um projeto deste porte, precisa ter a gentileza de se aproximar das famílias que moram ali, daí nasce o Projeto Casa do Frei, que funcionava, até a pandemia, na Rua Frei José dos Inocentes, próximo ao Museu da cidade de Manaus, e dentro deste projeto havia quatro desdobramentos, o caminhos da arte, caminhos da educação, caminhos da qualificação e caminhos da saúde.

E como desdobramento do braço dos caminhos da qualificação, realizamos a Feira do Paço, uma feira de economia criativa, que nasceu para incentivar as famílias ali do entorno a empreender em pequenos negócios na área do artesanato,

da gastronomia, ou de qualquer produto e serviço que ela pudesse comercializar, realizamos quatro edições. Sempre foi bom ver o engajamento da comunidade durante o evento, o senso de pertencimento e autoestima sendo alimentado com essas ações. Desejo que futuramente possamos desenvolver mais ações que cooperem para o bem da nossa cidade. Aqui deixo expresso a minha saudade deste projeto.

Voltando um pouco, sobre a minha relação com o Ballet Clássico, passei a estudar a técnica no Ballet Álvaro Gonçalves - BAG em 2008, por perceber a necessidade de conhecer uma metodologia com um ensino técnico na área da dança, que na universidade vivenciei superficialmente, apenas em dois anos e entendia que se de fato eu estava numa graduação em dança, eu precisava conhecer algum estilo, e o BAG é uma escola credenciada na metodologia inglesa, onde anualmente realiza avaliações dos alunos. Então sigo estudando, participando das apresentações, que sempre são um momento incrível, onde tudo que estudamos, vemos na cena, o corpo em transformação e pronto para aquilo que será ao vivo, aquele momento de fruição. Vivi essa fase de ser aluna e ser professora de ballet, de uma forma surpreendente, por ser tratar de ocasiões tão distintas, e requerer estudos tão objetivos e profundos.

Enquanto bailarina, nós percebemos a aula na perspectiva de aluna, onde aquela informação, aquela sequência, ou orientação precisa ser assimilada, realizada corporalmente. E quando fui para a sala de aula, dentro de um projeto como o Caminhos da arte, onde as alunas estavam ali dispostas a aprender, eu me descubro oficialmente professora de ballet clássico, entendendo que tudo precisa ser simplificado para o corpo do outro, que não se trata de dizer ou fazer sequências para que outro reproduza. Mas que o processo de ensino e aprendizado da técnica clássica, ou de qual quer outra dança, transforma as perspectivas de vida, da consciência corporal, da autoestima, de cada um que participa, experimenta e se dedica a alguma arte.

Nesses quatro anos ministrando aula, tive a grata satisfação de acompanhar várias alunas nos processos de vestibular, para graduação em dança, e em direito e todas foram aprovadas, e o que quero dizer com isso é que a arte ela abre um caminho para esse empoderamento, onde as pessoas se sentem mais fortes, para qual quer desafio. Assim enxergo a importância de estudar e transmitir o conhecimento.

Quando passei no concurso público da SEDUC, em 2015, e fui empossada e admitida para começar a dar aula em 2016. Meu pensamento era, quero experimentar estar na sala de aula, para ver o que de fato de aplica da teoria. Na minha primeira semana estava em crise, porque era impossível decorar o nome de trezentos alunos. Uma crise boba, porém, percebi o quanto eu gosto de personalizar o público que atendo, como gosto de dar a atenção necessária a cada um. Mas em um ambiente onde, onde no papel diz que deveriam ter trinta alunos por sala, na realidade encontramos quase cinquenta, se torna complexo atender com qualidade.

Nesses seis anos, aprendi muito em cada sala de aula, a ouvir mais, a perceber cada estudante, que o formato de tempo integral é um grande desafio entre a teoria e a prática, entre interesses políticos, e ações efetivas, entre crises de “poderes” no ambiente escolar. Mas olhar o interesse e o desempenho de cada um nos motiva a continuar em sala de aula.

Sei que professores de arte, de fato formados em arte, são poucos, normalmente encontramos professores de outras matérias, ministrando aulas de arte, como ponta de carga. Isso sempre existiu e não é um quadro que tenha mudado radicalmente nos últimos anos. Espero que o incentivo a formação possa de fato acontecer, para que futuramente, o acesso ao conhecimento seja igualitário para todos e todas.

Enquanto isso posso expressar a minha grata satisfação de estar cursando o Mestrado Profissional em Artes, compreendendo que é uma fase com grandes desafios, e que tem renovado meus pensamentos no que se refere ao ensino de artes na escola, confesso que sempre foi um objetivo pessoal dar continuidade a pesquisa em dança, já que tive a grata satisfação de cursar a graduação em licenciatura em dança pela Universidade do Estado do Amazonas, e antes da graduação, cursei a graduação sanduíche na Universidade de Bologna na oportunidade de participar do programa ciências sem fronteiras do governo federal em 2012, inicialmente a formação me motivou a chegar a sala de aula para exercer o que havia estudado, e as primeiras aulas no Profartes, me fizeram perceber que a dança/arte passou a ser parte da minha vida muito antes do que eu imaginava, ainda na infância a dança me encheu os olhos ao ponto de me fazer sorrir com a boca.

Entre tantas histórias, minha avó nordestina, que se casou com um amazonense criado no seringal, que me criou misturada entre duas culturas tão

fortes, que me fez perceber tanta brasilidade dentro de casa, ele preto, ela branca, logo ela trazia mais histórias de racismo e preconceito, visto, vivido e sentido. Quando criança não compreendia plenamente, hoje tudo faz sentido. Eram pessoas exemplares, por seu caráter, minha avó teve algumas amigas dos povos originários, onde eu percebia uma grande amizade, elas trocavam muitas receitas de remédios caseiros, passavam horas conversando, entre as falas eu me lembro de ouvir delas: “minha mãe é índia”, “meu pai também”, mas ela não se afirmava indígena.

Hoje percebo que durante a minha infância todos os povos estavam dentro da minha casa, com todo multiculturalismo, respeito, gentileza, acolhimento, ensinamentos, saberes, negações, afirmações, histórias, trajetórias, apoio e amor. Noto quanto isso é significativo e relevante dentro da minha história, e que me faz perceber a importância de se discutir as questões antirracista e multiculturalista.

Os estudos antropológicos apontam para a cultura, metaforicamente como um grande guarda-chuva aberto, e que abaixo deste estão todas as manifestações culturais, desde a forma de pensar, se relacionar, alimentar-se, falar, se expressar, estudar, brincar, ou seja, falar de cultura está em um aspecto amplo de informações. Observando a necessidade de aprofundar a pesquisa no aspecto da educação multiculturalista, foi que percebi quantas transformações precisam haver para que de fato a educação neste sentido se torne mais efetiva e atuante no ambiente escolar, são discussões extremamente pertinentes para o contexto brasileiro, que não se resume, ao dia do índio, dia da consciência negra, ou das comemorações juninas, atividades que vemos anualmente ainda sendo realizadas pontualmente. Nossas práticas em sala de aula, o conteúdo programático, o PPP da escola, e tudo o que está nesse contexto precisa ser analisado continuamente, mas antes de olhar o todo, consigo enxergar a minha prática enquanto docente, e como posso colaborar para o ensino de artes na escola onde estou atualmente.

Dentro desse processo de pesquisa chego ao ponto de perceber que eu, enquanto docente, preciso rever o que tenho ensinado e aprendido em sala de aula, principalmente ao reconhecer que a construção da consciência de minha própria identidade cultural, no plano pessoal com relação aos processos socioculturais em que vivencio e vivenciei em relação a minha casa, a minha cidade, estado e nação afetam diretamente o meu discurso e posicionamento cultural. Como esse multiculturalismo me atravessa hoje? Quais são essas percepções que antes eu não percebia? O que me faz refletir sobre o que estou “ensinando” em sala de aula?

Como posso ressignificar afetivamente a minha prática docente valorizando o multiculturalismo no ensino de artes?

Os procedimentos usados para a elaboração desse trabalho são a leitura e a pesquisa, seguida do levantamento bibliográfico de autores, que estão relacionados ao tema, e um relato de experiência própria, por reconhecer o multiculturalismo que atravessa a minha percepção hoje.

A principal justificativa pela escolha desse tema, foi pela necessidade de desconstruir e construir um entendimento sobre o tema em questão, no caso, o multiculturalismo dentro do currículo escolar e o seu funcionamento, bem como um agir docente com mais coerência, a partir do respeito mútuo, que é uma base essencial dentro do multiculturalismo. O referencial teórico dessa pesquisa está embasado nos estudos de pesquisadores como: Antônio Flávio Moreira e Vera Maria Candau, que trazem à tona essa importante discussão sobre currículos e culturas, no qual deixaram suas contribuições para uma aprendizagem mais eficiente.

1.1 HOJE – LUGAR NÃO PERMANENTE

Nesse artigo que apresento na defesa do curso de mestrado profissional em arte, quero trazer uma análise autoetnográfica, antes de falar sobre a sala de aula. Apoio-me em Fortim, na revista *cena 7*, com o tema: contribuições possíveis da etnografia e da autoetnografia para a pesquisa na prática artística. Quando ela apresenta as seguintes observações sobre a característica da autoetnografia, “se caracteriza por uma escrita do ‘eu’ que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si.” Concordo plenamente com a autora, principalmente quando ela afirma que: “o pesquisador que se volta sobre ele mesmo não pode ficar lá”.

E aqui quero começar a falar sobre uma experiência que estou passando, (me cuidando, sendo acompanhada por profissionais maravilhosas) que me levou a sair da sala de aula.

Sim, saí durante o mestrado, em março de 2022, foi quando a médica psiquiatra me sugeriu o afastamento. Eu estava começando a desenvolver

ansiedade, *burnout*. Que segundo especialistas, e inclusive entrevistas no portal do MEC, em 2008 um estudo realizado pela psicóloga Nádia Maria Bezerra Leite, da Universidade de Brasília (UNB) apontam que 15,7% dos professores, tinham o diagnóstico de *burnout*, essa pesquisa foi realizada muito antes da pandemia. E todos nós somos testemunhas das inúmeras situações que enfrentamos durante esta fase, e que ainda carregamos sequelas.

Daí em diante, fiz vários exames, comecei a fazer terapia e tomar medicação, tarja vermelha. Fui muito sincera com a médica quanto ao uso da medicação, não suporto tomar nenhum remédio, prefiro um chá, uma vacina, mas, entretanto, todavia, percebi que a medicação era diferente, era necessário tomar regularmente, senti que houve alterações no meu corpo, e sobre tudo o que estava sentindo. Óbvio que tentei abandonar no início do processo, mas percebi que não seria uma alternativa segura. Logo, segui fazendo o acompanhamento regular, tomando a medicação, ouvindo as experiências das Doutoradas que estão me acompanhando, acreditando que é uma fase, e vai passar.

Porém, trata-se de uma fase que requer cuidados, onde somente eu mesma posso fazer as escolhas. Percebi, que ao falar sobre o que eu estava vivenciando encontrei vários olhares, acolhedores, assustados, questionadores... Em algumas pessoas eu senti o preconceito de falar sobre o assunto, como se fato de procurar uma psiquiatra fosse algo extremo, ou um tabu, em falar, sobre uma fragilidade. Por parte da equipe que trabalha diretamente comigo, tive um gigantesco acolhimento, e uma proteção na fase mais delicada.

Uma das perguntas da médica, foi: como você identificou? Minha resposta foi: Eu senti que algo não estava normal no meu corpo, indo para uma direção que eu não conseguiria controlar, eu só conseguia atribuir ao fato de que sempre dancei, fiz aulas práticas, e nelas, a gente precisa se conectar com a nossa mente, e corpo para conseguir fruir.

Eu estava sentindo um cansaço extremo, ao ir para escola, e ao tentar dar aulas durante estar na escola, sentia como se fosse desmaiar, uma pressão que dificultava a minha respiração, era estranho, e quando eu saía da escola meia hora depois eu estava bem, sem sentir nada, minha mente ficava acelerada, e por estar na fase da qualificação, eu tinha que continuar pensando sobre a escola e isso me deixava exausta, até o ponto que percebi que a minha escrita estava comprometida,

vários parágrafos que escrevi, estavam incoerentes, descontraídos, nesse momento, pedi um tempo da coordenação

Óbvio, que a coordenação não aceitou de cara, isso para mim, foi difícil de entender. Como é ter empatia, quando queremos atingir metas? Essa pergunta ficou em minha mente, como um ponto de reflexão. Já que não somos máquinas e sim pessoas.

Interessante nesse processo, é observar que não é somente o que eu sentia, ao decidir sobre renunciar a uma pesquisa, havia mais pessoas envolvidas no processo, visto também que eu era bolsista no programa, e que eu tinha que explicar o que estava acontecendo a várias pessoas, repetidamente, explicar algo que é invisível se torna complexo, simplesmente porque não é como alguém que faz uma cirurgia, ou como quebrar um braço, é algo impalpável.

Do outro lado tinha a burocracia necessária para se respaldar durante a licença médica, onde a gestão da escola, e a secretaria de educação do Estado, possuem uma dinâmica instável para a entrega de atestados médicos. Tive que lidar com várias mudanças no sistema. Visto estarmos em fase pandêmica, com algumas restrições.

Todas essas coisas que eram necessárias serem feitas, gerava no meu corpo um cansaço extremo, depois de algumas visitas em algum desses lugares citados anteriormente, eu precisava chegar em casa e dormir, pois, estava cansada física e mentalmente. Com o tempo fui percebendo que outras situações me deixam exausta, então eu tentava administrar o que eu fazia no dia, que pudesse ser um tempo de qualidade, e que fosse favorável à minha mente. Óbvio que passei a observar diversas situações.

Hoje, enquanto escrevo esse artigo, estou exatamente a um ano e cinco meses afastada do ambiente escolar, apreendendo a desacelerar, e a reorganizar meus pensamentos sobre várias questões. Reconheço que não há como permanecer como era antes, e que é uma nova etapa, não consigo afirmar plenamente que me vejo voltando para a sala de aula, na mesma escola.

Durante essa fase, continuei fazendo algumas coisas, que anteriormente já fazia. Minha margem era, administrar o que sentia, principalmente durante determinada situação. Por exemplo: dançar, fazer aulas de ballet, eu continuei, porque sempre foi o meu escape, ir dançar. A fase mais crítica percebi que não conseguia memorizar as sequências com facilidade, e isso aos poucos foi mudando.

Foi se tornando mais leve, ao ponto de conseguir dançar com fluidez, e sem esquecer a sequência. Escrevendo assim parece que foi fácil...

Posso dizer que é complexo, escrever sobre essa situação, estando na tentativa de chegar à cura. Ou até mesmo de explicar o processo, já que oficialmente, houve um ponto ou eu percebi, e isso não significa que foi o começo da crise, do *burnout*. Por tudo que já ouvi, entendo que existiu um processo que me fez chegar a essa situação, e ao reconhecimento de tudo o que eu estava sentindo, e as decisões que tomei, foram na tentativa de me ajudar a sair da situação que percebi, que eu não conseguiria controlar, e, ao mesmo tempo, eu tinha convicção que meu corpo estava bem, e o problema que eu estava somatizando, não era sobre a minha glicemia ou coisa assim.

Entendo hoje, e reconheço a importância do autoconhecimento, do conhecimento corporal, do desenvolvimento da inteligência emocional, para que a gente possa primeiro se cuidar. Para depois ajudar outros. E viver com dignidade, receber um salário justo, e pagar nossos boletos.

2. METODOLOGIA

2.1 Complexidades na pandemia

Os desafios apresentados na fase pandêmica foram as mais diversas, principalmente, saímos da escola, com a orientação de que era apenas uma medida de segurança, onde todos passaríamos quinze dias em casa. E nós sentimos na pele o que foi enfrentar dias de incertezas.

Quando a secretaria de educação, colocou a opção do programa aula em casa, exibido pela televisão, utilizando aulas que já estavam no acervo, nos fez entender que seria uma ferramenta legítima, a ser acompanhada. Tanto por professores, quanto por estudantes.

Porém, paralelamente, a coordenação da escola, pediu que acompanhássemos os alunos, enviássemos mais atividades, para isso foram feitos, grupos em dois aplicativos, via *e-mail*, e via número de telefone móvel. Naturalmente, se tornou um desafio complexo de solucionar.

As diferenças econômicas ficaram evidentes, a comunicação que era para ser com cerca de trezentos estudantes, agora havia mais trezentos tutores, para mediar esse contato, visto que minhas turmas, nesse período, era do 6º e 7º ano do ensino fundamental. Logo eles estão entre dez e doze anos de idade, a autonomia para utilizar um *e-mail*, ou um aparelho celular, não era para todos os estudantes.

Cada família tentara se organizar para que o acesso fosse possível, naquele momento socialmente caótico.

Então foram organizados os grupos, nas primeiras tentativas de realizar as aulas, percebi que não eram todos os que tinham acesso. Em um determinado momento decidi que ligaria para as famílias para entender o que estava acontecendo. Selecionei vinte contatos, e comecei a ligar, das vinte famílias apenas uma que era professora, ajudava o filho a entregar as atividades on-line, e tinha acesso com facilidade a todas as plataformas.

Nessa busca, encontrei, avós, que estavam responsáveis pelos netos, tentando entender como isso iria acontecer. Algumas pessoas tinham que trabalhar, e precisavam dos aparelhos celulares, visto que na família só o tutor possuía o

aparelho. Encontrei crianças que tinham acesso e preferiam jogar, porque não eram monitoradas. Ou seja, cada caso era um.

E em datas de entrega das atividades, normalmente eram os dias em que várias crianças e pais, mandavam mensagens. Justificando a não entrega do exercício, ou perguntando sobre como usar a plataforma do *Meet*. Foram dias de intensos esforços, intelectuais, emocionais, espirituais, principalmente porque em meio as aulas, todos nós recebíamos notícias sobre o falecimento de um ente querido, alguém conhecido, ou alguém da nossa casa aparecia com suspeita, e precisava de cuidados.

Não havia um portão de separação, entre aqui é o meu trabalho, e aqui é a minha casa. Muitos colegas de trabalho passaram a ter dois números para contato telefônico, visto que haviam sido rompidas algumas barreiras de privacidade. A qual quer horário, chegavam mensagens nos aplicativos, pais ou estudantes, nos procuravam nos horários que eram convenientes para eles, não no horário em que estaríamos na escola, em nosso horário de trabalho.

O retorno à escola, de forma gradativa, foi outra etapa desafiadora, porque havia um ambiente de medo, e insegurança. Algumas crianças queriam abraçar, outras tinham medo. Na estratégia de retorno, apenas metade dos estudantes vinham às segundas e quartas, e a outra metade às terças e quintas, e assim seguimos por algumas semanas.

O número menor de crianças em sala de aula, permitia que pudéssemos fazer aulas práticas com uma distância favorável, decidi realizar jogos teatrais, e realizar a avaliação via participação durante as aulas.

Pensando em colaborar para o bem-estar dos estudantes, realizar atividades práticas como os jogos teatrais, principalmente pelo fato de nesse período eles estavam sem as aulas de educação física. Ou seja, passavam muito tempo sentados na mesma posição, escrevendo.

Ao retornarem todos os estudantes a frequentarem as aulas regularmente, percebemos que não havia como manter distanciamento algum, porque as salas são pequenas para quase cinquenta pessoas. Logo seguíamos ministrando nossas aulas, torcendo para que não ficássemos doentes.

Nem todos os estudos e análises atualmente são capazes de mensurar as problemáticas pós-pandemia, encontrei uma matéria no jornal *Em tempo*, feita pela jornalista Gabriela Brasil que cita o crescimento do índice de evasão escolar. Ela

entrevistou o administrador público, Flávio Lauria, que firmou “a desigualdade é um fator determinante para o aumento da evasão no Amazonas. Sendo o Brasil um dos países mais desiguais do mundo, O Amazonas teve um aumento significativo da evasão escolar pela pandemia, e nossos índices já eram altos”.

Ainda em consequência da Covid-19 na área da educação refletiu nos baixos índices de aprendizagem das crianças e adolescentes. Os resultados do Sistema Nacional de Avaliação de Educação Básica (SAEB) mostraram que a educação no Brasil regrediu cerca de sete anos. Traz a jornalista Gabriela Brasil em sua entrevista.

A complexidade das consequências e mudanças dessa fase pandêmica, afetou diretamente os menos favorecidos, de baixa renda e a população da região norte do Brasil.

2.2 SALA DE AULA: LUGAR SENSÍVEL

Quero apresentar três relatos de experiência em sala de aula, que durante a disciplina de Gênero e Performance, ministrada pela professora Vanja Poty, compartilhei com os colegas, durante discussões que me fizeram refletir sobre os aspectos multiculturais, e as particularidades que um docente vivencia em sala de aula, que torna aquela experiência singular, tanto para o estudante, quanto para o professor.

Facilmente, podemos tomar a rota de sermos professores conteudistas, principalmente quando encontramos turmas lotadas, agitadas, bagunceira. Como fomos alunos de um sistema conteudista, corremos o risco todos os dias de reproduzir o mesmo comportamento.

Podemos exercer a empatia, em sala de aula, e planejar aulas que colaborem didaticamente a fim de ter a participação dos estudantes, e consigam treinar suas percepções, e o senso crítico. Sempre encontrei em muitas turmas com dificuldades com a leitura. Em algumas situações sem paciência de interação com os colegas. A realidade era que ao entrar em uma sala de aula, normalmente havia alguma situação, a ser ajustada antes de entrar no conteúdo da aula. Descobri com o tempo

que você pode ignorar, e ser mais um professor conteudista, ou você pode tentar mediar uma reflexão, e aproximar as questões artísticas.

2.2.1 Xenofobia

Sempre ouvimos falar que a fase da adolescência é difícil, e quando temos adolescentes imigrantes, que estão vivenciando um choque cultural, e a necessidade de se sentirem acolhidos dentro do ambiente escolar. Sabemos que o número de imigrantes venezuelanos cresceu na cidade de maneira exponencial, conseqüentemente muitas crianças venezuelanas migraram com seus familiares. Os dados apresentados pela associação nacional de procuradores da república, em artigo de Michele Diz Y Gil Corbi, com o tema Migração venezuelana no Amazonas e políticas de acolhimento, afirma que já deixaram a Venezuela cerca de 5,4 milhões de pessoas. Deste contingente, até 30 de agosto de 2020, vieram para o Brasil 262.475 cidadãos e cidadãs venezuelanos. Mesmo com o fechamento de fronteiras internacionais durante a pandemia de COVID-19, a migração venezuelana segue ocorrendo e este fluxo seguirá por muitos anos, segundo a pesquisadora.

O Instituto de Educação do Amazonas – IEA, por estar localizado no centro da cidade, recebe estudantes de todos os bairros da cidade, e para alguns o acesso a essa região é mais fácil, na logística adotada pela família, por conta do emprego dos pais/responsáveis, em sua maioria serem nessa região. Por ser uma escola de tempo integral, localizada no centro da cidade, durante o final da tarde, muitos estudantes ficam aguardando os pais saírem do trabalho para retornarem aos seus lares.

Ao perceber algumas celeumas em algumas turmas, e algumas crianças extremamente, acanhadas e tristes em fase de adaptação. Isso, me fez organizar uma aula para explicar sobre a cultura, as diferenças culturais, e o que nós tínhamos em comum, com os vizinhos venezuelanos. E que diante de todas as diferenças, é necessário respeito. Parti do seguinte questionamento: O que é cultura? Baseando-me nos argumentos do antropólogo Franz Boas, 1940, sobre o referido tema, ele afirma que a cultura abrange tudo que constitui uma sociedade: produção

econômica, relações de parentesco, língua, psicologia, artes, religião, sistemas de conhecimento, técnicas, organização política e jurídica. Contudo, sua abordagem é direcionada ao comportamento dos indivíduos enquanto elucidadores da cultura, e não às instituições e seu funcionamento. Assim, as diversas formas de contato: interação, assimilação, aculturação, difusão, bem como as linguagens, são os elementos de apreensão da realidade.

Partindo da pergunta, eu sempre ouvia as respostas de todos os presentes na sala, a resposta que sempre recebi na maioria das salas é que cultura é arte. Então a partir dessa aula, coloquei o nosso ponto em comum que é sermos latino-americanos, para que os estudantes pudessem perceber um ponto de conexão entre os colegas, e as diferenças elas estão presentes em todos os lugares.

O objetivo principal nesta aula, foi gerar empatia, e reconhecer pontos diferentes e semelhantes, respeitando as diferenças culturais, que estão presentes em todos os lugares, e em todas as pessoas, partindo principalmente de seus núcleos familiares. Abrimos para um momento de discussão e um dos estudantes venezuelanos falou da diferença que ele sente no tempero da comida.

Proporcionar uma troca de saberes é uma das formas que podemos exercitar em sala de aula, o tempo de fala e de escuta, principalmente entre adolescentes, mediando pra que eles compreendam o caminho do respeito ao próximo, na prática do ouvir.

2.2.2 Gravidez na adolescência

Nesse relato não vou apresentar nomes para preservar a imagem da estudante, nesse dia entrei na sala de aula como sempre, cumprimente os estudantes, deixei o material na mesa, me posicionei na frente da turma, anunciei a atividade do dia, teria que receber o caderno de cada um para conferir uma nota do bimestre. Essa menina estava sentada quase na minha frente, e extremamente inquieta, eu olhei para ela, perguntei se ela já queria entregar o caderno, porém ela não tinha acabado as atividades, mas levantou-se e veio até a minha mesa. Seguiu-se o seguinte diálogo:

- Chá de canela é abortivo? – a jovem perguntou.
- Por quê?
- Só para saber, professora.
- Essa pergunta não surgiu no nada, porém não aconselho ninguém a pensar em um aborto, dessa forma, tomando um chá. É para você?
- Não, professora. Deus me livre! Não! É para a minha prima.

Ela voltou para cadeira, sentou-se, porém continuou inquieta, segui corrigindo as atividades. Ela veio até mim questionando:

- O que a senhora acha sobre o aborto?
- É você que está achando que está grávida? – Impulsionando um desabafo pela parte da adolescente.
- Sim, professora. Não estou nem dormindo, não consigo terminar uma tarefa, porque penso que minha mãe vai me matar, e já me falaram que chá de canela é abortivo e eu pensei em começar a tomar.
- Primeiro, sua mãe não vai te matar. Você começou a namorar escondido?
- Não, meus pais deixaram.
- E não colocaram regras? – Meu questionamento causou riso que por si só, configurou uma resposta. – Diga para o seu namorado que eu estou mandando ele comprar um teste de farmácia, pra você se acalmar.

Ela na mesma hora mandou mensagem para ele. Percebi que ela estava extremamente nervosa e desconcentrada. No outro dia perguntei, se o namorado havia comprado o teste, ela respondeu ele vai comprar. Um dia depois voltei na sala dela, perguntei novamente, ela disse que ele não tem dinheiro. Assim, questionei:

- Mas tem idade pra começar a namorar?

Percebi que ela continuava agitada, com dificuldade de se concentrar, que a situação que ela estava vivenciando estava deixando-a estressada, sem conseguir estudar.

Passou o final de semana, eu decidi comprar um teste de farmácia, quando cheguei na escola coincidentemente chegamos ao mesmo tempo, disse a ela que tinha comprado o teste, e que a gente ia se dirigir ao banheiro das professoras. Fomos. Ela fez o teste. Deu negativo, mas foram os minutos mais longos daquele dia! Após isso conversamos, disse a ela que era uma escolha que a partir dali dependia muito do esforço dela, caso contrário passaria todos os meses apreensiva, pensando que poderia estar grávida. Pedi para que ela conversasse com a mãe, porque era necessários novos cuidados, uma visita a ginecologista, talvez tomar um anticoncepcional, e ficar atenta ao uso de camisinha. Ela me abraçou, aliviada.

Dentro da estrutura e regimento de uma escola de tempo integral do nosso Estado, está escrito que na escola de tempo integral, um dos objetivos é que o estudante saia pronto para a vida. Considero uma frase complexa, e dicotômica, visto que a muitos assuntos relacionados a vida que não são tratados na escola, a sexualidade é um desses pontos.

Falar sobre sexualidade em sala de aula, é sem dúvida um tema importante, não é sobre o ato sexual, como algumas pessoas retrogradadas pensam, é sobre a vida. Os adolescentes trazem inúmeras informações sobre as questões sexuais, e compartilham entre si, e muitas informações são violentas, agressivas, e passam

pela sexualidade, que ainda é um tabu dentro do ambiente escolar, como afirma Moreira e Candau (2010).

As estatísticas levantadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), por meio do relatório de Estatísticas do Registro Civil, em 2018 nasceram 432.460 bebês de mães adolescentes, o que representou 14,94% de todos os nascimentos no país naquele ano. Quando realizamos uma análise regional, Norte e Nordeste apresentam taxas maiores que a nacional. A região Norte apresenta a taxa mais elevada (21,03%) do Brasil.

O índice de adolescentes com câncer no colo do útero, na região norte, também é alto, segundo o ministério da saúde. Ou seja, são necessárias mais políticas públicas que de fato saiam da teoria para a prática e chegue a sala de aula, para que tanto meninas, quanto meninos sejam orientados quanto as questões relacionadas a sexualidade.

Falar sobre aborto, como era a questão da estudante em sala de aula, é tão importante quanto qualquer tema que esteja ligada a sexualidade, porque estamos falando de um risco de vida. Não adianta um estudante saber identificar uma obra de Pablo Picasso, como encontramos no material didático, se há mais problemáticas a serem dialogadas, que chegam aos professores ou a professoras de artes, por que os estudantes criam algumas identificações e confiança nos professores. E o que fazer? Ignorar? Ter empatia? Orientar? A partir de quais referências? Da minha casa?

Não podemos ignorar, durante a adolescência os estudantes começam naturalmente a viver a puberdade, e por diversas vezes parei durante uma aula para falar sobre a fase menstrual, porque vi meninos fazendo piada com a colega que sujou a farda com sangue, a menina ficou constrangida. Sendo que é algo natural, não há motivos de não ser visto com naturalidade. E haver uma orientação de gentileza, entre os meninos para com as meninas.

Sugeria, que se eles vissem uma colega com a roupa suja de sangue e ela não tivesse percebido, ele podia oferecer o casaco, o moletom para ela amarrar na cintura, e gentilmente avisar que a roupa dela estava suja, sem fazer disso uma piada, visto que é natural, e todas as mulheres vivem isso, e eles precisam aprender a lidar, com as mães, as irmãs, as colegas em sala de aula.

Percebo que é necessário gerar/exercitar a empatia, generosidade dentro do ambiente escolar. Se não, só vamos ver adolescentes agredindo uns aos outros, ou sofrendo por conta do bullying.

2.2.3 Discussões sobre identidade de gênero

Outra sala, outra turma, outra criança, entrei na sala, cumprimentei a turma, fui fazer a chamada, em pé no meio da sala, para conseguir olhar cada uma, e me familiarizar com eles, no decorrer da chamada, cheguei no nome dessa menina, coincidentemente, ela estava ao meu lado, a direita, olhei para ela e sorri, ela me olhou e perguntou: Professora, a senhora pode me chamar de Sam, (nome fictício), na hora respondi: chamo sim, porém durante a chamada preciso que você responda quando eu chamar o seu nome pra você não levar falta. E futuramente caso você queira de fato trocar já existem caminhos legais, isso agora depende dos seus pais, ou você espera completar dezoito anos, para procurar as formais legais e trocar seu nome.

A reação de surpresa dela e dos colegas da sala, foi notória. Segui fazendo a chamada, ministrando a aula. No dia seguinte, uma colega de trabalho, professora de língua portuguesa que passava mais horas com a turma, pediu para conversar comigo sobre Sam, eu estava no meu horário de saída, pedi para conversar no dia seguinte com ela. A professora usou a seguinte frase: a aluna pediu para ser chamada de Sam, e eu disse que não era o nome dela, ela me pediu para conversar com a senhora. Porque a senhora a entende! Percebi um tom de desconforto e cobrança por parte da colega de trabalho.

No dia seguinte, durante o intervalo consegui conversar com a Professora, ela estava mais tranquila, começou a conversa me pedindo desculpas, ela achava que eu havia incentivado a ação da estudante, uma menina, que queria ser chamada como menino, Sam, por meio das minhas aulas de arte. Esse foi o julgamento prévio, feito pela minha colega de trabalho ao ouvir do estudante Sam, que eu havia o entendido!

A professora, voltou na sala do Sam e ouviu a sua história, porque ela queria ser chamada de Sam, qual era a posição da sua família... conservadora, religiosa. Enfim, a minha colega entendeu que eu não estava fazendo nenhum trabalho relacionado a questão de gênero, e que a minha resposta foi simples. Não reprimi a estudante, estava respeitando o pedido sem julgamentos, entendendo que um adolescente está em processo de formação, da sua identidade, suas decisões, escolhas, e que não me cabe o papel de opressora. Mas de mediadora.

Tive a oportunidade de trocar ideias com essa colega de trabalho, sobre essa fase que todas as crianças estão passando, e que não cabe a hostilidade e o preconceito, mas entender que podemos fazer uma rede de apoio aos adolescentes, de forma que eles possam se sentir respeitados dentro do ambiente escolar.

Entendendo que eles estão em fase de crescimento/descobertas/transformação. Sobre gênero Moreira e Candau (2010), apresentam um capítulo intitulado: Gênero na sala de aula: a questão do desempenho escolar. Eles apresentam, discussões sobre o conceito de gênero, a partir de uma análise realizada em uma determinada escola, a fim de observar a visão das professoras sobre o desempenho escolar de meninos e meninas do ensino fundamental. Nessa pesquisa as professoras falavam o que pensavam sobre o comportamento dos estudantes, em algumas citações algumas apontavam a desenvolvimento corporal das meninas, apontando para uma sensualidade e no caso dos meninos, sempre apontavam apatia, e desorganização.

Segundo os autores, Moreira e Candau (2010) os educadores e educadoras preocupados com a constituição de iguais oportunidades de escolarização, é necessário, portanto, estarem atentos que alguns dos processos de construção de masculinidade efetivamente dificultam ou interrompem a educação de grupos de meninos, quase sempre desprivilegiados em termos de classe ou etnia particularmente os padrões de "masculinidade de protesto", que frequentemente resultam em altos níveis de conflito com as escolas e em processos de evasão.

Segundo relatos colhidos durante a pesquisa, os autores puderam observar que o padrão de feminilidade mais valorizado pelas professoras era próximo daquele dominante entre os setores médios intelectualizados, uma feminilidade que rejeita a afirmação exacerbada das diferenças de gênero e propõe um padrão de mulher mais autônoma que submissa e mais assertiva que sensual. Nem sempre as alunas, porém, partilhavam dos mesmos referenciais.

Os autores ainda endossam que, falta de clareza e de discussão crítica sobre os objetivos curriculares e conseqüentemente os critérios de avaliação também contribuem para que as professoras lancem mão de repertórios e valores pessoais, marcados pelos preconceitos de classe, raça e gênero presentes no senso comum.

Portanto, todo esforço para alcançar uma educação justa frente às relações raciais e à pobreza deve também, necessariamente, considerar questões ligadas às masculinidades. Isto é, enfrentar os problemas centrais da educação escolar brasileira hoje é impossível sem uma adequada apropriação do conceito de gênero.

Considero pertinente apresentar os conceitos sobre gênero que os autores de apoiam, partindo de estudos feministas (STOLLER, 1985; MONEY, 1968).

Gender, uma palavra até então usada principalmente para nomear as formas masculinas e femininas na linguagem, passou a ser usada como um termo contrastante por feministas, no final dos anos 60, como neutro, socialmente identificando como masculino ou feminino, para combater a força da categoria sexo e suas implicações nas ciências sociais buscando enfatizar a dimensão social do gênero. A partir de 1950, psicólogos e biólogos norte-americanos que estudavam indivíduos hermafroditas e a construção de suas identidades sexuais utilizavam o termo com esse sentido.

Scott (1990) e Nicholson (1994) são as teóricas que apontam uma segunda definição de gênero, ligadas ao pós-estruturalismo, não o opõe a sexo, como visto na outra referência entre os anos 50 e 60, mas inclui a percepção a respeito do que seja sexo dentro de um conceito socialmente elaborado de gênero, uma vez que assume que as próprias diferenças entre os corpos são percebidas sempre por meio de codificações e construções sociais de significado. O gênero não seria um conceito útil apenas na compreensão das interações entre homens e mulheres, mas uma parte importante dos sistemas simbólicos e, como tal, implicado na rede de significação dos e relações de poder de todo o tecido social, pois estão sempre articuladas a outras hierarquias e desigualdades de classe, raça/etnia, idade, etc.

Segundo Scott (1992), o pós-estruturalismo seria um corpo teórico desenvolvido principalmente na crítica literária, que ofereceria conceitos úteis à análise feminista, tais como linguagem, discurso, diferença e desconstrução. Para definir esses conceitos, a autora apoia-se principalmente em Foucault e Derrida.

2.3 SALA DE AULA, INÍCIO DE 2022

Um pouco antes do afastamento da sala de aula, estava trabalhando com a colega Muriel nessa atividade, sugerida pela professora Rosemara, durante o mestrado, discutimos todas as teorias, para formular uma atividade parecida para ser desenvolvida em sala de aula, cada uma com suas turmas de sétimo ano;

Nós criticamente concordamos que os estudos e prática de atividades corporais são capazes de sensibilizar os estudantes a uma reflexão. Realização de um processo criativo em dança na sala de aula, com movimentos do cotidiano como elementos principais desse processo, associados aos princípios básicos da coreografia. Sendo um caminho de sensibilização a metodologias que nos conduzem a atravessamentos multiculturalistas. Apoiando na seguinte questão: Quais caminhos metodológicos seriam mais eficazes no processo de ensino sobre corpo e ambiente?

Meu intuito, posteriormente, era abrir um caminho de discussões sobre o corpo e a dança, identidade cultural, possibilitando uma abordagem antirracista. Porém, tive que parar por aqui. Então o que vou compartilhar, nesse capítulo, é sobre essa experiência, teórica e prática realizada em sala de aula, que não foi possível dar continuidade.

Aportada teoricamente nos estudos sobre a educação e a fábrica de corpos de Márcia Strazzacappa (2001); pressupostos sobre a consciência e a escuta do corpo da técnica de Klauss Vianna por Jussara Miller (2020); Análise das ações corporais descritas por Rudolf Laban (1978); Modelo C(L)A(S)P no contexto da dança de Keith Swanwick por Madureira (2019).

As etapas do processo criativo será de identificar os movimentos corporais mais comuns em sala de aula, acrescentar propostas musicais como contagem de tempo, sons e músicas e experimentar princípios básicos da composição coreográfica como cânones e métodos simples de adição progressiva e rondó. Adicionar a oralidade junto aos movimentos e momentos em silêncio. Introduzir o uso de objetos do cotidiano na forma de objetos cênicos e explorar as propriedades das ações corporais como peso, fluência, ritmo e planos.

Pretendo desenvolver durante essa pesquisa, quatro aulas expositivas, e quatro oficinas práticas de dança, resultando em uma apresentação do conteúdo

ministrado, apresentado pelos alunos, com aplicação, de uma roda de conversa para coletar informações sobre as impressões, e opiniões dos participantes.

O presente trabalho tem a finalidade de aprimorar a discussão sobre o corpo e o movimento no contexto escolar, bem como apresentar uma sequência didática na área das artes cênicas que sirva de aporte para outros professores. Para a construção da sequência didática, foram feitas experimentações em uma escola da rede pública estadual de ensino do Amazonas, com alunos do 7º ano do ensino fundamental – anos finais.

2.3.1 Percepções teóricas sobre o corpo e o ambiente escolar

O movimento corporal e a questão da mobilidade no ambiente escolar, embora seja um objeto de estudo constante no meio acadêmico, ainda aponta para diferentes aspectos a serem discutidos e muitos espaços a serem ocupados. Isso porque, nas palavras de Strazzacappa (2001, p. 69) “[...] há um preconceito contra o movimento”, que dentro da escola está num contexto entre punição e prêmio. Segundo a autora, “O movimento corporal sempre funcionou como uma moeda de troca [...] Professores e diretores lançam mão da imobilidade física como punição e da liberdade de se movimentar como prêmio” (STRAZZACAPPA, 2001, p.70).

Nessa perspectiva, como professoras de Arte de escola pública, nos vimos diante da constante inquietação que é trabalhar a unidade temática “dança” dentro do ambiente escolar, pois ainda que essa unidade esteja bem explícita na BNCC e na Proposta Curricular do Amazonas, como uma prática investigativa para atender habilidades que necessitam da experimentação, nos deparamos diariamente com empecilhos que envolvem, principalmente o espaço físico para a aula. Diante disso, nos propomos a pensar uma prática de dança a partir da vivência escolar nas escolas onde atuamos, considerando o cenário disponível dentro desse contexto e a partir de então construir uma sequência didática.

O ponto de partida se deu pelo pensamento de que o corpo é o elemento central do processo criativo na dança, é a partir do corpo que se pensa, elabora e realiza os movimentos, portanto, passamos a considerá-lo como o único elemento

indispensável e insubstituível. Movimento, espaço e tempo foram tomados como variáveis sujeitas à disponibilidade e que, portanto, poderiam ser adaptadas a qualquer momento.

A ideia de corpo, em primeiro lugar, nos faz sentido por entender que antes de propor qualquer tipo de dança, composição coreográfica ou mesmo experimentação se faz necessário abordar e propor aos alunos que voltem seu pensamento e atenção para o corpo e suas possibilidades de exploração, o que corrobora com o que se pressupõe na Técnica Klauss Vianna de que “antes de aprender a dançar, é necessário ter consciência do corpo, de como ele é, como funciona, quais são suas limitações e possibilidades” (MILLER, 2020, p. 507). Trata-se de acordar o corpo, como sugerido na própria técnica.

Segundo Laban (1978, p. 67) “O corpo é nosso instrumento de expressão por via do movimento”, dessa forma, propomos que os alunos pensassem nos movimentos do cotidiano na sala de aula. Que identificassem ações corporais diárias, inclusive aquelas das quais são tão rotineiras que nem se percebe sua realização, tais como abrir a mochila, folhear o caderno, responder à chamada, etc. Isso porque, para Silva e Soares (2020, p. 171) “As ações realizadas com o corpo seguem uma rotina e nessas rotinas encontram-se pequenos detalhes transitórios que revelam muito sobre o estado de nossos corpos”.

A partir daí, o processo criativo em dança foi sendo construído com base nas ações corporais propostas pelos alunos com a mediação do professor, seguindo uma investigação criativa fundamentada no modelo C(L)A(S)P proposto por Ketih Swanwick para o contexto da dança. O modelo de Swanwick, apresentado por Madureira (2019), embora não seja exclusivamente direcionado ao ambiente escolar, nos auxilia nesse processo criativo, pois apresenta parâmetros que conceitualmente direcionam o ensino da dança para além de uma construção de movimentos. O autor apresenta a ideia mencionada anteriormente sobre a preparação e reconhecimento do corpo antes do dançar e as proposições acerca da composição, apreciação e performance. Segundo Madureira (2019) no modelo C(L)A(S)P, o parâmetro da composição em dança envolve a exploração criativa por meio de jogos em formações individuais ou em conjunto. A apreciação está no “aprender a ouvir e apreciar a produção de outra pessoa [...]” (p. 147) e, a performance segue o princípio de “vivenciar a situação de estar em cena” (p. 148).

Com o entendimento do C(L)A(S)P, as experimentações em sala de aula seguiram uma formatação que favoreceram a participação de todos os alunos no processo de sugestão, tendo a possibilidade de testar formas diferentes de realizar os movimentos, modificando e fazendo ajustes quando necessários. A construção coreográfica foi sendo estabelecida a partir de cada etapa vivenciada por eles com a oportunidade de chegar a um resultado ao qual todos também participaram.

Como dito anteriormente, movimento, espaço e tempo foram variáveis, nosso foco principal esteve nas investigações pelo corpo. Portanto, a execução de habilidades técnicas relacionadas ao movimento corporal não fez parte da construção criativa. Também não teve a necessidade de busca de um espaço “adequado” para a experimentação, pois esse processo foi idealizado para a ser desenvolvido dentro da própria sala de aula, durante a aula de Arte e, a relação tempo foi construída a partir das demandas do próprio processo, sem o engessamento de um prazo para cada etapa, sendo possível a continuidade nas aulas posteriores.

2.3.2 Sequência didática

Como tema norteador, definimos: Corpo e movimento no cotidiano escolar. Os conteúdos de dança a serem desenvolvidos foram as propriedades do movimento (peso, fluência, planos e eixos), musicalidade (ritmo, sons e silêncio); o uso de objetos cênicos e composição coreográfica.

Nossos objetivos com essa atividade foram de realizar um processo criativo em dança na sala de aula, com movimentos do cotidiano como elementos principais desse processo, associados aos princípios básicos da coreografia. Tendo como objetivos específicos: criar sequências coreográficas com movimentos do cotidiano escolar; acrescentar propostas musicais com contagem de tempo, oralidade, sons, músicas e silêncio; explorar as propriedades do movimento e princípios básicos da composição coreográfica. Com estudantes do 6º e 7º ano (ensino fundamental – anos finais), podendo ser aplicado em outras séries da mesma etapa.

Sugerimos que essa atividade possa ser realizada em duas aulas, correspondendo as habilidades propostas pela BNCC: (EF69AR10) Explorar elementos constitutivos do movimento cotidiano e do movimento dançado, abordando criticamente, o desenvolvimento das formas da dança em sua história tradicional e contemporânea; (EF69AR11) Experimentar e analisar os fatores de movimento (tempo, peso, fluência e espaço) como elementos que, combinados, geram as ações corporais e o movimento dançado; (EF69AR12) Investigar e experimentar procedimentos de improvisação e criação do movimento como fonte para a construção de vocabulários e repertórios próprios. (EF69AR15) Discutir as experiências pessoais e coletivas em dança vivenciada na escola e em outros contextos, problematizando estereótipos e preconceitos.

Sugerimos na atividade uma reflexão para preparar os estudantes para a realização da atividade em sala de aula, pedir que os alunos listem alguns movimentos que fazem no cotidiano na própria sala de aula e experimentar alguns de forma aleatória, percebendo a duração de cada um deles, trazer uma reflexão sobre o ambiente, o que esse lugar, como nos relacionamos com ele.

Assim Iniciamos a atividade perguntando sobre a ideia que se tem sobre meio ambiente, se é algo distante ou do dia a dia, se a imagem que se tem está relacionada somente a natureza, ou a sala de aula também faz parte do nosso meio ambiente? Escutei várias respostas durante essa atividade, aproveite para perceber como os estudantes estão elaborando suas ideias sobre o assunto, seguimos conversando sobre o nosso corpo neste meio ambiente, quais movimentos são feitos naturalmente, sem exigir um grande esforço, como carregar a mochila, sentar, levantar, retirar o material escolar da bolsa, abrir o caderno.

Então podemos elencar vários movimentos cotidianos que fazem parte de um repertório corporal construído desde o primeiro dia em que você foi a escola pela primeira vez. A partir dessas observações sugerimos a elaboração de uma sequência coreográfica (Se você ainda não falou sobre este assunto, é interessante explicar em algum momento).

Algumas sugestões de movimento:

- 1 - Começar em pé com a mochila na costa
- 2 - Andar na direção da cadeira;
- 3 - Retirar a mochila da costa colocar na cadeira;

- 4 - Sentar-se corretamente;
- 5 - Sentar-se do jeito que quiser;
- 6 - Pegar o caderno dentro da bolsa;
- 7 - Conversar com um colega;
- 8 - Fazer silêncio;
- 9 - Dizer a palavra: Presente, aleatoriamente;
- 10 - Jogar uma bolinha de papel no colega;

Você pode estabelecer primeiro uma contagem em oito tempos, e posteriormente inserir uma música, assim mais informações sobre a relação música e dança poderão ser estudadas posteriormente, a sugestão é que seja uma música fácil de perceber as frases musicais. Quando realizei a atividade, pedi para que na folha de papel amassada ao final eles escrevessem o que acharam sobre a aula, e entregassem.

Como fechamento de cada aula, propomos uma roda de conversa sobre os movimentos usados na sequência coreográfica daquele dia, fazendo associação aos elementos de composição coreográfica. Na última aula, propomos que sejam listados todos os elementos utilizados na composição coreográfica e que a roda de conversa seja pautada na identificação desses elementos.

Estabelecemos, enquanto critérios avaliativos, a avaliação contínua, considerando aspectos como a participação individual na atividade coletiva, interatividade e diálogo nas rodas de conversas. A proposta da atividade é usar os recursos disponíveis na própria sala de aula como: cadeiras, material escolar, papel e mochilas dos alunos. Para a inserção de sons e músicas na atividade, será necessário também a caixa de som.

Apresentamos algumas sugestões para outras aulas como, propor aos alunos que se dividam em grupos e criem uma sequência coreográfica com movimentos ainda não usados anteriormente e depois a apresentação para a turma; propor a inserção de novos temas, como hora do recreio ou também em outros ambientes como quadra, refeitório, biblioteca. Propor aos estudantes que imaginem uma sequência de movimentos do cotidiano que você poderá falar, enquanto eles estarão de olhos fechados, percebendo todos que eles são capazes de visualizar “virtualmente” o que eles fazem no dia a dia.

Enquanto dicas e sugestões para a atividade caso sobre tempo em sala de aula, pode-se pedir que os alunos testem novos movimentos, por exemplo. Também

pode ser interessante filmar a atividade e disponibilizar para que os alunos assistam e conversem sobre isso. Ou Como adaptar a proposta para turmas com deficientes? Em caso de estudantes com deficiência, deve-se pensar previamente para não haver exclusão do mesmo na atividade. Pode-se sugerir uma adaptação dos movimentos ou a realização de duplas para que o aluno deficiente possa ter ajuda. O mais importante é não ignorar as especificidades e necessidades existentes, afinal elas fazem parte daquele cotidiano escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Achar um caminho metodológico dentro das aulas de artes que possibilitem uma reflexão/experiência/fruição dos estudantes para abordar a diversidade presente no multiculturalismo, que ajude a formulação de um senso crítico em cada um, que eles consigam realizar “leituras críticas”. Entendendo nossos aspectos culturais e respeito às diferenças. Essas sempre foram a minha aspiração com esse trabalho, entendendo que não é um caminho real e palpável atualmente. Mas pode ser trilhado.

Quando proponho uma atividade prática, em sala de aula, que prepara para uma compreensão sobre a montagem coreográfica e com a intensão de cooperar no ensino de artes (especificamente, a dança) apoiando-me em Isabel Marques (2010), que aborda a questão da leitura de dança, leituras de mundo e a metodologia de ensino ela considera três pontos significativos para trabalharmos numa perspectiva crítica e multifacetada no ensino e aprendizagem da dança.

Um dos primeiros pontos que Marques (2010) aponta é para o incentivo de, educar leitores críticos de dança/arte que sejam, sobretudo, leitores de mundo, colaborando para que qual quer pessoa entenda o contexto em que está inserida, e possa também de manifestar. Em segundo lugar, trabalhar as relações de nexos, os signos e os componentes da linguagem da dança/arte de modo que não isolemos a dança/arte de seus múltiplos contextos, conseqüentemente isso colabora para uma leitura da semiótica da dança.

Como terceiro ponto a autora, propõe, "impregnar de sentidos cada ato cotidiano", proponho pensar uma metodologia de ensino condizente e alinhada a esses pressupostos, não bastam intenções, são necessários caminhos entre a intenção e a ação. Por isso considero importante a inserção de conteúdos que aproximem o estudante ao multiculturalismo e essa possa compreender o contexto amazônico, onde estamos inseridos, e que não se trata apenas das datas comemorativas, por exemplo, como o dia do índio, como nos foi apresentado, mas ressignificar como o dia dos povos originários, entendendo o significado desta ação.

Fica claro que a questão da educação corporal não é de responsabilidade exclusiva das aulas de educação física, nem de dança ou de expressão corporal. O corpo está em constante desenvolvimento e aprendizado. Possibilitar ou impedir o movimento da criança e do adolescente na escola; oferecer ou não oportunidades de exploração e criação com o corpo; despertar ou reprimir o interesse pela dança no espaço escolar, servir ou não de modelo... de uma forma ou de outra, estamos educando corpos. Nós somos nosso corpo. Toda educação é educação do corpo. A ausência de uma atividade corporal também é uma forma de educação: a educação para o não-movimento – educação para a repressão. Em ambas as situações, a educação do corpo está acontecendo. O que diferencia uma atitude da outra é o tipo de indivíduo que estaremos formando. Cabe agora a cada um de nós fazer a reflexão. (STAZZACAPPA,2001).

A afirmativa apresentada por Strazzacappa (2001) no que tange a educação corporal em um ambiente escolar, e qual é o papel do educador nesse processo de formação corporal dos alunos e dele mesmo enquanto participante ativo no processo estético. Consoante a carta escrita por Paulo Freire aos professores, o mesmo diz:

Por isso também é que ensinar não pode ser um puro processo, como tanto tenho dito, de transferência de conhecimento do ensinante ao aprendiz. Transferência mecânica de que resulte a memorização maquinal que já critiquei. Ao estudo crítico corresponde um ensino igualmente crítico que demanda necessariamente uma forma crítica de compreender e de realizar a leitura da palavra e a leitura do mundo, leitura do contexto. (FREIRE, 2019, pg 58)

E nessa perspectiva de leitura de mundo, se reconhece a necessidade de discutir mais sobre a educação antirracista e intercultural. Trazendo para o contexto norte do Brasil, em Manaus, temos um multiculturalismo dos povos ribeirinhos, e o contexto da cidade, no reflexo da crise mundial, onde a migração de muitas famílias, venezuelanas e haitianas, para cidade, e esse contexto traz a sala de aula a necessidade de uma educação antirracista e intercultural, no ambiente escolar.

Ler o mundo, vai muito além, do que participar das comemorações realizadas nas escolas, estar/ participar de eventos como o Dia da Consciência Negra, e todas as datas que se consideram pertinentes de serem comemoradas dentro do ambiente escolar. E fazer um pouco mais que uma programação, e impregnar de sentido o cotidiano.

Considerar a amplitude de leitura crítica de dança fora da perspectiva exclusiva do movimento, da coreografia. Mas efetivamente estendendo para uma

leitura de mundo, possibilita analisar junto a multiculturalidade diversas escolhas metodológicas da dança no contexto escolar. Assim,

Nossos corpos - transitórios, maleáveis, fluidos - são zonas de encontro sem começo nem fim com as quais os diferentes papéis sociais, na dança em interfaces com o mundo, são reconfigurados, ressignificados. São nossos corpos que permitem e conduzem esse fluxo entre os papéis e as funções sociais, pois são permeáveis às experiências cotidianas. (MARQUES, 2010, p. 55)

E neste aspecto, inclui-se a diversidade multiculturalista e a necessidade de ter em prática o respeito entre todos, como um dos pontos significativos das funções sociais, dentro do ambiente escolar, que se estende para fora, e nesse fluxo reverso, aonde a diversidade vem para a sala de aula. Um grande desafio que está diante de nós educadores é com certeza fazer fluir da teoria para a prática metodológica, abordando os mais diversos temas a fim de cooperar para um ensino transformador e inclusivo.

E sinto que essa busca por entender esse lugar, de professora, mediadora de saberes dentro do ambiente escolar, a partir das referências sobre o multiculturalismo e a lei 10.639/03, foram me transformando a partir de cada pesquisa. Nesse último capítulo quero dividir com você, várias referências que fui encontrando e que me ajudaram a compreender e a desconstruir a perspectiva histórica e cultural que eu tinha, até então.

Estar em sala nesses últimos seis anos exercendo a docência, é sem dúvidas um grande aprendizado, olhar cada um sempre me faz lembrar essas fases anteriores que citei, através de cenas simples, consigo relembrar cada situação que vivi em sala de aula quando era adolescente, só que agora sou a professora.

A escola, é um ambiente plural, onde a diversidade se conecta, onde as trocas acontecem, durante horas de convivência, de onde vamos colecionar lembranças e histórias, que atravessam as nossas vidas. Hoje consigo perceber e questionar: Qual o papel da escola diante da necessidade contemporânea de discutir as diferenças multiculturais? Até que ponto o ensino de artes na escola tem proporcionado aos alunos práticas, discussões e experiências que proporcionam reflexões sobre o multiculturalismo? Será que a inclusão das temáticas

multiculturalistas nos livros didáticos são suficientes para que o aluno se reconheça dentro desse espaço de fala e representatividade?

Dentro do processo de ensino e aprendizado encontramos uma lei que ampara e coopera para um ensino antirracista, a partir da análise da legislação que alteraram a LDBEN – a Lei 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e culturas afro-brasileira e africanas na educação básica. Luiz Fernandes de Oliveira (2014), em seu artigo, Educação Antirracista: tensões para o ensino de sociologia, traz a citação da referida lei, sancionada em 2003, regulamentada em 2004, através do Parecer do CNE que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Culturas Afro-Brasileiras e Africanas. Esse documento se constituiu em uma referência teórica e pedagógica nos aspectos da formação docente, dos currículos, das práticas docentes e, especialmente, na sua proposição política de combate ao racismo e às discriminações raciais no âmbito dos sistemas de ensino. Em um de seus trechos diz:

A obrigatoriedade de inclusão de História e Cultura Afro- Brasileira e Africana nos currículos da Educação Básica trata-se de decisão política, com fortes repercussões pedagógicas, inclusive na formação de professores. [...]. É importante destacar que não se trata de mudar um foco etnocêntrico marcadamente de raiz europeia por um africano, mas de ampliar o foco dos currículos escolares para a diversidade cultural, racial, social e econômica brasileira. Nesta perspectiva, cabe às escolas incluírem no contexto dos estudos e atividades, que proporciona diariamente, também as contribuições histórico-culturais dos povos indígenas e dos descendentes de asiáticos, além das de raiz africana e europeia. (BRASIL, 2004, p. 8).

É interessante observar que por lei existe uma obrigatoriedade, em uma ação tão necessária. Mas no dia a dia não há efetivas ações formativas que fortaleçam professores para essas discussões, encontramos ações direcionadas em comemoração ao dia 20 de outubro, mas quando nos debruçamos sobre o livro didático, a porcentagem de conteúdo que trata sobre esse espaço de identificação cultural, ainda vemos um grande volume de conteúdos europeus. Enquanto docente, mulher, negra, heterossexual, percebo que para desenvolver aulas inclusivas, que discutam temas como o multiculturalismo, em artes, preciso sempre estudar mais para transmitir com propriedade e coerência este tipo de conteúdo. Porque desde a minha formação em 2008 não havia estudado este assunto, sendo está uma lei que tramitava desde 2004, e que após ser admitida na Secretária de Educação do Estado

do Amazonas, em nenhum momento, fui convidada a um processo de formação neste assunto.

Começo a refletir sobre isso por entender a necessidade de cooperar no processo de ensino e aprendizado de cidadãos que não precisam ver a escola como um lugar de copiar no caderno, informações e mais informações, muito menos quando falamos de ensino de artes. Segundo Silva e Brandim (2008):

o multiculturalismo, visa respeitar e levantar a bandeira da pluralidade de identidades culturais, a heterogeneidade. Em sua fala ainda acrescenta que, é necessária uma construção harmônica das relações sociais entre os indivíduos em meio as suas muitas diferenças, algo que é desafiador e ao mesmo tempo necessário. É necessário, que aconteça a convivência pacífica e tolerante entre os indivíduos, mesmo reconhecendo que a sociedade em sua grande maioria age e se comporta de forma discriminatória, preconceituosa ou excludente. Porque a visão do homem está voltada ao capitalismo, o que torna o homem preconceituoso e inclinado a exercer as diferentes formas de exclusão. Estabelecer uma educação multicultural, significa romper com as rupturas e os modelos estabelecidos pela educação tradicional europeia, modificando o velho e batido currículo escolar, que se tem hoje. Nesse sentido é dado a abertura para a implantação de um novo currículo com muito mais abrangência, transformado de fato o conhecimento em significados úteis para a vida social, fora do ambiente escolar, o que tornaria a aprendizagem muito mais significativa. (SILVA E BRANDIM 2008).

Parafraseando Oliveira (2012), estabelecer primeiramente a obrigatoriedade do ensino de história da África e dos negros no Brasil requer um agenciamento supercomplexo de investimentos na formação docente e uma problematização dos referenciais teóricos e pedagógicos dos cursos de graduação e licenciatura, um ato deste seria realmente revolucionário, se não estivesse apenas escrito na lei, mas sendo efetivamente executado. É necessário tornar reconhecida a colaboração africana para o desenvolvimento mundial e as contribuições do Egito para a ciência e filosofia ocidentais; - as universidades africanas Tombkotu, Gao, Djene que floresciam no século XVI; - as tecnologias de agricultura, de beneficiamento de cultivos, de mineração e de edificações trazidas pelos escravizados, bem como a produção científica, artística nas artes plásticas, literatura, música, dança, teatro na política, na atualidade (Brasil, 2004, p. 12).

Sempre falei que sabedoria a gente pede a Deus, inteligência a gente já nasce com ela e desenvolve, mas conhecimento a gente corre atrás.

Partindo dessa ideia, uma das etapas mais significativa para mim nessa pesquisa foi me debruçar sobre a educação antirracista, as leituras fizeram total diferença, e os recursos audiovisual de documentários e filmes e series, também foram significativas nesse processo.

Aqui quero trazer como referência o documentário do **Emicida**, intitulado: **Amarelo – é tudo pra ontem** (2020), que foi como um colírio para os meus olhos, por apresentar uma base história da música brasileira, e toda a conexão que temos com a África. Foi então que ouvi a palavra: Amefricanidade, concebida por Lelia Gonzales, referência citada dentro do documentário, e por Denise Carrascosa (2023) no prefácio do livro *Abolicionismo, feminismo, já*. Onde o termo é utilizado para tentar explicar essa fusão entre a população negra e indígena que sofreu com o extermínio, mas está aqui, insistindo em sobreviver.

Essas referências me ajudaram a perceber, o rap, o funk, o samba, tanto enquanto manifestação musical e como dança, uma manifestação legitimamente brasileira, que traz a potência manifesta artisticamente brasileira, ocupando espaços, e que as músicas estão sempre presentes dentro do ambiente escolar, e que fazem parte do universo cotidiano dos estudantes. E que cabem atividades, e exercícios em sala de aula, que ajudem os estudantes a perceberem e analisarem a ideia presente na música, o que vai além do passinho da moda. Isso tudo colabora para uma leitura de mundo.

Nessa perspectiva, é possível vislumbrar um processo de transformação, de mudanças que ontologicamente vem de uma teoria crítica, onde a realidade ainda se encontra mascarada por um conjunto de estruturas sociais, políticas e culturais que precisam de mudanças para que de fato a educação multiculturalista passe a ser vivida. Daí se percebe várias esferas a serem transformadas, principalmente os aspectos pessoais de cada professor.

Reconhecer nossas identidades culturais é um primeiro aspecto a ser trabalhado, que considero de especial relevância, diz respeito a proporcionar espaços que favoreçam a tomada de consciência da construção da nossa própria identidade cultural, no plano pessoal, situando-a em relação com os processos socioculturais do contexto em que vivemos e da história do nosso país.” (CANDAU; MOREIRA, 2010, p. 26).

Nas tentativas de entender como os estudantes se veem nesse aspecto da identidade cultural, durante estar iniciando a pesquisa, exibi em sala de aula o filme **Pantera Negra**, abri para discussão, e durante a minha fala em uma das aulas, afirmei “Eu enquanto mulher preta”, e a reação de um menino me chamou atenção, ele levantou a cabeça, me olhou, e olhou para os braços dele. Não precisou nenhuma palavra, mas a cara dele me fez entender “eu sou da cor da professora”, “eu sou preto”.

Percebo que o processo de afirmação, identificação, aceitação é muito pessoal, diante das influências que cada um carrega, ou esse momento de descoberta e consciência do que somos.

Sankofa – A África que te habita, é um documentário fotográfico surpreendente, visto que os dois pesquisadores vão em busca dos lugares específicos de onde saiam as pessoas que eram sequestradas e comercializadas para virem da África para o Brasil. É ver o outro lado da história, e entender as crenças, as danças, as conexões visíveis e invisíveis que nos liga a nossa ancestralidade, que nos faz ser quem somos. Faço essa sugestão.

Em 2012, foi a primeira vez que ouvi falar sobre reparação histórica, eu estava em frente a TV, e apareceu um diretor de filmes, português, falando sobre o roteiro cinematográfico, que tinha o principal objetivo de responsabilizar os portugueses pela destruição que eles haviam causado no Brasil. Na época essa informação fez com que a minha mente fervesse, fazia total sentido o que ele havia falado. Não consegui memorizar o nome do diretor, nem do filme. Porém o que ele falou me atravessou de forma significativa.

Pensar que os povos originários que habitavam esse território foram dizimados, e que se não houvesse acontecido essa atrocidade neste País, haveria uma realidade totalmente diferente, a identidade cultural estaria preservada. Sei que é utópico, falar/pensar e escrever isso. Mas é a forma de refletir sobre as consequências que nunca vão poder ser reparadas. Ou seja, quando comecei a refletir sobre isso eu já era adulta, estava no intercambio, foi o período onde de fato senti o preconceito, racismo, o assédio por ser brasileira, estava tendo vivências que colocaram em alerta.

Ao assistir: **Rainhas Africanas – Nzinga**, documentário histórico, vi uma referência potente, enquanto mulher preta que lutou para proteger seu povo de ser vendido para os portugueses, essa história por muitos anos não nos foi contada. Por muitos anos, só ouvimos a história do nosso País a partir da visão dos brancos, colonizadores, agressores, opressores, que destruíram povos, famílias, pessoas. Demorou muito tempo para retratarem o outro lado da história, e isso nos permite ressignificar nosso olhar sobre nós mesmos.

Outra sugestão que faço é o **documentário Afronta**, apresenta jovens brasileiros protagonistas, empreendedores. Em um contexto atual, contemporâneo, onde podemos ouvir histórias de jovens que tiveram a oportunidade de romper diversas barreiras, e conquistaram espaços profissionais. Considero pertinente por não ser algo que estamos falando sobre o passado apenas, mas sobre o presente e o futuro, que abre mais possibilidades para as futuras gerações, pretas e indígenas.

Nesse caminho de tentar compreender tantas informações significativas, durante o documentário do Emicida, uma das falas de Lelia González, é sobre a necessidade de espaço para as mulheres negras dentro do movimento feminista, ela fala sobre o surgimento deste movimento, e a ausência das mulheres pretas, porque elas ainda estavam no lugar de serviçal, da ama de leite, ela estava cuidando da casa, dos filhos da mulher branca, que saiu para conquista seus sonhos e lutar pelos seus ideais.

E a mulher preta? Não pode sair, estudar, trabalhar e lutar pelos seus ideais?

Foi quando encontrei o documentário **Feministas: o que elas estavam pensando** (2018), documentário, com ênfase nos anos 70 o que as mulheres estavam buscando espaço, enquanto protagonistas, e as mesmas em 2018 falam sobre esse processo. O que fica mais evidente nessa serie documental é que o protagonismo principal era somente de mulheres brancas, percebemos que o feminismo nasce racista. As pretas tinham que cuidar da casa, dos filhos dessas mulheres brancas, que queriam realizar seus sonhos profissionais.

E essa ainda é uma realidade, presente, que aos poucos vem sendo desconstruída, mas ainda há muito a ser feito.

Quero deixar ainda três indicações, que possuem contextos totalmente diferentes, mas apontam para histórias de mulheres da vida real, que lutaram por espaço, lutaram por seus ideais, e revelam lutas contra o preconceito, que são inspiradoras, para que possamos entender a grandeza delas de forma inspiradora. A vida e a história de **Madam C. J. Walker**, **Rainha Cleópatra**, uma série com documentário histórico e sociocultural, e **Antônia – uma sinfonia**, (2019), protagonismo feminino no contexto artístico.

3.1 TRANSFORMANDO

Bell Hooks, em sua trajetória de estudos sobre as relações raciais, gênero e feminismo negro, apresenta o livro *Escrever além da raça: teoria e prática* (2022). Um dos capítulos me chamou atenção, se chama: a prática do amor. Ela traz a experiência de militante, e de ouvinte, diz que ouviu muitas pessoas que trilham um caminho contra o preconceito, e encontrou muitas pessoas usando o argumento sobre a necessidade da prática do amor. Compreendemos que a uma diferença cultural do contexto americano, para o contexto brasileiro, mas o amor transcende.

Reconhecer o histórico amazônico de tantas violências, contra os povos originários, povos silenciados, onde o indígena foi invisibilizado, e caboclo também, crescemos com a ideia de que somente o que vinha de fora era melhor. E isso ainda é uma realidade, transformar a forma de pensar, e agir é um processo longo, que requer amor, mais que teoria, em prática.

Somos diretamente afetados por uma cultura de dominação governada por uma política do patriarcado supremacista branco capitalista imperialista, como afirma Hooks (2022). Sempre ouvimos falar sobre teoria e prática, é notório que muitas vezes encontramos um abismo entre elas, Hooks (2022), sugere que a teoria seja como um mapa para a prática. Visando uma libertação de uma cultura opressora. O reflexo social desta cultura encontramos diariamente no ambiente escolar.

Entendo que as relações dentro da escola, possuem várias esferas, e em cada uma temos que nos posicionar profissionalmente, com técnicos, gestores,

pedagogas, professores e estudantes. E todos vivenciaram o desafio pandêmico, durante dois anos, com muitas mudanças. Requerendo de todos uma energia extra de generosidade e gentileza para superar essa fase, que ainda não conseguimos mensurar todas as consequências.

Minha avó costumava dizer que: “Ninguém vem com letreiro na testa”. E de fato, não conhecemos as pessoas profundamente, mas precisamos respeitar! Todas as trajetórias percorridas por qualquer pessoa, e até mesmo a minha. Nessa pesquisa, eu pretendia apresentar outros resultados, eu imaginava chegar a defesa, pronta para o doutorado.

Mas eu tive que entender primeiro, sobre o respeito a mim mesma, de me permitir parar um pouco, desacelerar, me cuidar, ouvir os profissionais que estão fazendo o acompanhamento, ter paciência consigo mesma, e seguir em frente, abandonando qual quer preconceito. Entendendo que é uma fase, que vai passar, preciso seguir me cuidando.

Outra coisa não menos importante, é o ambiente de trabalho, isso faz muita diferença, para todos da comunidade escolar. Carrego comigo boas, excelentes, desafiadoras e inconvenientes lembranças do ambiente de trabalho.

As vivências em relações aos colegas de trabalho, também precisam ser acompanhadas de respeito, posso afirmar que encontrei profissionais exemplares e responsáveis. E infelizmente, encontrei pessoas que tratavam os outros colegas por serem mais novos na escola, que não receberam nem a mim, nem os colegas de profissão com gentileza. Sim, estou falando de outros profissionais da educação. Com o tempo entendi o comportamento deles.

Outra situação inconveniente que vivenciei foi o assédio dentro do ambiente de trabalho foi ainda mais intrigante, porque antes de mim, o assediador, sempre teve um comportamento depravado com outras colegas. A maioria tentava ignorar, e havia uma que respondia, tentando constrangê-lo. Quando sofri o assédio, e decidi denunciar, percebi que a ação da denúncia me fez perceber como o ambiente escolar é permeado de machismo e manipuladores. O próprio gestor na época disse: “Professora, a senhora tem certeza de que vai manter o processo administrativo? Porque isso vai prejudicar o professor, eu o conheço, conheço a esposa dele, os filhos...”.

Quando liguei para uma colega de trabalho que sofreu assédio várias vezes, que não se sentia segura de estar na sala dos professores, enquanto ele estava. Ela me respondeu: “Vou falar com o meu marido primeiro, e te retorno”. Ao retornar a ligação, ela disse: “meu marido não me deixou fazer a denúncia”.

Isso tudo me encorajou a seguir com o processo administrativo. Porque as pessoas dentro do ambiente escolar continuam acostumadas a ver a violência, e não falar nada. Quando chega uma denúncia, é acobertada por alguém, que prefere “colocar panos quentes”. No dia da audiência, na SEDUC, havia três profissionais mulheres, mais experientes, o advogado do assediador e eu na mesma sala. Elas tentavam ter uma postura imparcial, fizeram várias perguntas. Eu relatei o fato do assédio. Após alguns minutos de conversa, o advogado direcionou uma pergunta a mim, na mesma hora respondi, firme e direta, sem travas na língua, e exigi respeito.

Percebi no olhar daquelas mulheres, um acolhimento e um orgulho ao final daquela reunião. Só tive acesso ao parecer, que foi favorável a mim, meses depois, com ajuda de um advogado. A informação que recebi na escola, foi superficial. Nesse processo uma das pessoas que mais me apoiou foi um ex-administrador da escola, casado com uma professora que também trabalhava na escola, que sabia das outras situações de assédio, e que concordava plenamente com a minha decisão, e foi quem sempre me passou a documentação relacionadas as audiências.

Estar em um ambiente, saudável, onde podemos contar com o acolhimento de outros profissionais que desenvolvem seu trabalho com generosidade e respeito ao outro é uma dádiva. Porque é possível trabalhar em paz, e se sentindo segura. E é importante, denunciar.

Percebi que o que muitos esperam e que sejamos pessoas/ mulheres/ professoras “boazinhas” assim, como as professoras classificaram as melhores alunas, como submissas. Moreira e Candau, 2010 pg. 102. Estar dentro de um sistema, cumprir suas horas de aula, receber seu salário, e não reclamar. É difícil permanecer em um lugar onde não vemos perspectiva de mudanças, é ainda mais desgastante.

Durante as aulas da professora Vanja Poty, recebemos o Professor Fabio Hoffmann Pereira que acendeu todas as luminárias da minha imaginação. Ele falou sobre um fenômeno que existe na área da educação, que envolve a questão do

gênero feminino e masculino diretamente, ele afirmou que para os homens o fenômeno na área da educação é que eles possuem uma escada rolante de vidro, eles chegam a um alto posto na área da educação, e nem sabe como chegou a tal cargo. Já para as mulheres, o fenômeno é do teto de vidro, elas sobem até determinado ponto e não passam.

Em todos esses anos em sala de aula, percebo que a relação dos estudantes com os professores é pessoal, no sentido de eles personalizarem o tratamento com o professor ou professora, e isso se torna relativo de acordo com a disciplina ministrada, e sobre a persona do docente.

Em todos os relatos que escolhi citar, percebo que estabeleci com os estudantes uma relação de comunicação e respeito, e que por ser professora de artes, alguns achavam que era “mais leve”, “menos exigente”. Porém, são escolhas que fazemos, durante o processo que está totalmente ligada a quem somos, com todas as nossas vivências que nos tornam pessoas únicas e que isso reverbera no posicionamento que temos em sala de aula.

Logo que comecei a fazer terapia, quando me questionavam se estava pronta para voltar a sala de aula, ou o que sentia sobre. Era algo que meu corpo rejeitava, sentia de volta a sensação de cansaço. Percebo hoje algo que sempre percebi, porém, tenho dificuldades de aceitar que não temos como lutar contra o sistema. Nós tentamos diariamente, e chaga uma hora que cansa. Você tentar ter um espaço melhor, mais adequado para aulas práticas, você quer que tenha uma equipe pedagógica numa escola com 1.200 estudantes, onde a quase cinquenta estudantes por turma, você não ministra uma aula, você realiza palestras diariamente. Mediando conflitos dos mais diversos, e tentando seguir seu plano de aula. Acontecem inúmeros problemas, e é mais fácil chegar a polícia na sala de aula, do que uma assistente social e uma psicóloga para acompanhar uma turma.

Quando falo da presença policial, porque já houve situações que de fato isso aconteceu. Me questiono sobre o papel da escola na sociedade, a figura do ser professor, professora, anos de formação, especialização, e o sistema está mais preocupado com números, estatísticas, e a não reprovação dos estudantes, mesmo que ele não saiba ler nem escrever direito, mas chegou ao sétimo ano do ensino fundamental.

Isso tudo, cansa!

Obviamente reconhecemos a responsabilidades dos professores em sala de aula, mas em todos esses anos, testemunhei muitos coordenadores desrespeitando professores experientes, com anos de magistério, que não foram ouvidos nas necessidades básicas para desenvolver seu trabalho. Apenas ouvir, e não colaborar para uma mudança favorável ao ambiente escolar, é uma forma de desrespeito.

Atualmente, ainda não sei como será meu retorno para o ambiente escolar, ou para a sala de aula. Nesse período de tratamento, participei de algumas ações, na medida que era possível. Sempre observando como me sentia, diante dos fatos.

Nesse tempo, eu não deixei de dançar, percebi que houve diversas mudanças em relação a minha concentração durante os exercícios, a capacidade de memorização, que gradativamente foi melhorando.

Como mencionei no início do trabalho, tenho uma palhaça, a Cacau, nesse período de tratamento, fui convidada para algumas ações e eventos, logo que me afastei da sala de aula, eu aceitei participar de um determinado evento, dias depois conversei com a equipe e disse como me senti. Não conseguia me manter concentrada, e toda energia que uso na palhaçaria, não conseguia manter. Pedi a equipe, um tempo, em relação à participação em algumas ações. Mais recente, pedi para participar de uma ação que foi uma visita a uma comunidade acometida pela enchente. E percebi, que meu corpo reagiu um pouco melhor em relação a manter a concentração, a dinâmica, a palhaça. Depois precisei de uns dois dias de descanso. Mas foi agradável, perceber e estar sendo a Cacau durante essa fase de tratamento.

Essa relação corpo e mente é imprescindível quando estamos em cena, dançando ou interpretando. Requer uma energia, e ao mesmo tempo um nível de consciência corporal. Atribuo a isso o fato de perceber o *burnout* e a melhora gradativa que tenho tido.

Nesse período, estive me experimentando em sala de aula, com grupos menores, somente aulas práticas de dança, de forma gradativa, apenas uma vez por semana, com um grupo de professoras que oriento, sobre aulas de ballet para crianças, trocamos experiências e eu posso compartilhar do que sei, sobre a técnica de ballet da Royal Academy of Dance, percebi que foi um processo mais agradável

de compartilhar saberes com uma turma que já possui experiência em sala de aula. Estamos trabalhando aproximadamente a uns cinco meses, e tenho me sentido motivada a continuar o processo.

Em algumas produções temos dado apoio a organização da Comunidade Indígena Wakiru, eles ficam localizados no bairro do Tarumã, é uma comunidade organizada pelo Tuchaua André Sateré Mawé, e pela Valda sua companheira, o desafio é colaborar para o desenvolvimento sociocultural da comunidade ao ponto que ela seja sustentável, e desenvolva a economia criativa a partir de produtos criados pela e na comunidade. Realizamos do dia 28 a 30 de julho a primeira feira de economia criativa na comunidade, foi uma experiência excelente, para nós enquanto equipe, e durante a reunião de avaliação junto a comunidade também colhemos um ótimo relatório por parte da comunidade, observamos pontos pertinentes a melhorar, e pontos frágeis que precisaremos ajustar em uma futura edição da feira.

Percebo que essas ações, que consigo desenvolver junto a equipe, me ajudam nesse processo de tratamento, de perceber como me sinto diante das atividades, artísticas, técnicas ou de produção, que encontrar novos caminhos metodológicos e desenvolver atividades profissionais em outros ambientes, me fortalece, me ajuda a perceber meus limites, a respeitar o que posso suportar nessa fase. Entendendo que vai passar.

Como mencionei anteriormente, participo de um grupo, composto por cinco mulheres produtoras, que se apoiam, essa rede de apoio, me protegeu muito, dentro desta fase, onde eu só me sentia cansada, e às vezes com a mente muito acelerada, tendo várias ideias por minuto. Elas foram incríveis, ao compreender o que eu estava passando, respeitando o meu limite, do que era possível, do que eu conseguiria ou não. Eu só tenho a agradecer, a Jaqueline Ferreira, a Brisa Ramos, a Tayane Kerolen, e a Kelly Vanessa. E principalmente a minha mãe, Tânia Maria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O período que estive em sala de aula, e hoje afastada, consigo perceber essas somas de informações, que me atravessaram, passando pelas experiências em minha casa, em família, com os amigos que sempre estiveram próximos, com toda a diversidade cultural, nos costumes, falas, comportamentos, saberes, as lembranças da fase escolar, onde hoje consigo perceber, que a desistência de alguns colegas da escola era atribuída a marginalização e todas as problemáticas existentes na sociedade que sufocou tantos colegas, por inúmeros motivos que fragilizaram o processo de formação de cada um, desafios que literalmente cada um sentia da pele.

Considero de suma importância e profundidade realizar e desenvolver esta pesquisa, em primeiro lugar, porque se trata de um assunto que sempre me despertou interesse. Após seis anos como docente, finalmente pude me dedicar ao estudo deste tema, o qual me fez questionar e refletir sobre diversas práticas em sala de aula. Essa reflexão me motiva a continuar, pois compreendo que o ensino da arte é uma disciplina singular, que aborda de maneira sensível e criativa essa temática, proporcionando aos alunos uma apreciação estética e contribuindo para uma abordagem multicultural do ensino, a qual precisa ser efetivamente implementada em nossas salas de aula.

Vivenciar e perceber todos esses atravessamentos culturais que sempre fizeram parte do meu lar, espontaneamente, hoje posso perceber, considerar a minha trajetória escolar, onde presenciei tantos conflitos multiculturais que geravam revolta em muitos colegas, consigo perceber, o privilégio de ter conseguido estudar em uma escola pública, me formar em uma universidade pública, um curso pouco valorizado. No entanto, me sinto grata e feliz por ser artista, professora e produtora cultural.

Reconheço que o trabalho na área educacional não é fácil. Os interesses políticos atrapalham o avanço da educação, quando era para ser o contrário, mas seguimos acreditando em dias melhores. Onde as mudanças de fato se consolidem ao ponto de termos a oportunidade de treinamentos mais efetivos, conteúdos didáticos onde possamos conhecer o multiculturalismo aos alunos, entendendo que

isso é um processo gradual. E quem sabe a geração *alpha* possa vivenciar com legitimidade.

REFERÊNCIAS

- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DESENBARGADORES. Migração venezuelana no Amazonas e políticas de acolhimento. Artigo, Por Michele Diz Y Gil Corbo. Disponível em: <https://www.anpr.org.br/imprensa/artigos/25389-migracao-venezuelana-no-amazonas-e-politicas-de-acolhimento> Acessado em: 01/08/2023.
- BARBOSA, Ana Mae Tavares Bastos. **A imagem do ensino da arte: anos 1980 e novos tempos**/Ana Mae Barbosa. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. (Org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2011.
- BOAZ, Franz. Acessado em 10/08/2023 <https://brasilecola.uol.com.br/biografia/franz-boas.htm>
- BOLLINO, Fernando. (Material elaborado pelo professor da Universidade de Bologna – Alma Mater Studiorum/Laurea Magistrale, disciplina de Filosofia e Teoria da Arte, Itália- Bologna, 2012-2013).
- CANDAU V. M. F. Pedagogia decolonial e educação antirracista e intercultural no Brasil. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982010000100002. Acesso em: 16 mar. 2020.
- CANDAU, Vera Maria Ferrão. OLIVEIRA, Luiz Fernandes de. **PEDAGOGIA DECOLONIAL E EDUCAÇÃO ANTIRRACISTA E INTERCULTURAL NO BRASIL**. Educação em Revista | Belo Horizonte | v.26 | n.01 | p.15-40 | abr. 2010
- CANDAU, Vera Maria. MOREIRA, Antonio Flávio, (orgs.). **Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas** /, 4. ed. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- CONCEIÇÃO, J.W. **Jogos teatrais na escola pública: plateia e formação de público**. Universidade Presbiteriana Mackenzie: São Paulo/Brasil S.D. ano.
- CARNEIRO, Moaci Alves. **LDB fácil: leitura crítico-compreensiva, artigo a artigo**. 18. ed. atualizada e ampliada. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- COSTA, Cristina. **Questões de arte: o belo, a percepção estética e o fazer artístico**/Cristina Costa – 2 ed. Reform. – São Paulo: Moderna, 2004.
- COSTELLA, Antonio F. 1943 – **Para apreciar a arte: roteiro didático**/Antonio F. Costella. – 3. ed. – São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2002.
- DESLANDES, Suely Ferreira. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**/Suely Ferreira Deslandes, Romeu Gomes, Maria Cecília de Souza Minayo (organizadora). 30. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- DESGRANGES, Flávio. **Pedagogia do Teatro: provocações e dialogismo**. São Paulo: HUCITEC, 2010.

DEWEY, J. Ter uma experiência. In: DEWEY, J. Arte como experiência. p. 109-141. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

DONDIS, Donis A. **Sintaxe da linguagem visual**. Tradução Jefferson Luiz Camargo. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

EM TEMPO. **Evasão escolar e cortes: educação no AM enfrenta efeitos da pandemia**. Gabriela Brasil, 2023. Disponível em: <https://emtempo.com.br/104532/politica/evasao-escolar-e-cortes-educacao-no-am-enfrenta-efeitos-da-pandemia/> . Acesso em: 17 ago. 2023.

FIAMONCINI, Luciana. **Dança na educação**: a busca de elementos na arte e na estética. Disponível em: <<http://revista.ufg.br/index.php/fef/article/viewFile/57/56>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda, 1910-1989. **Miniaurélio Século XXI**: O minidicionário da língua portuguesa. 5. ed. rev. ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v15n42/v15n42a13.pdf>. Acesso em: 16 mar. 2020.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

FRESER, Tom; BANKS, Adam. **O guia completo da cor**. São Paulo: Editora SENAC, 2007.

GARDNER, Howard. **As artes e o desenvolvimento humano**: um estudo psicológico artístico. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

_____. **Arte, mente e cérebro**. Tradução de Sandra Costa. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

hooks, b. Ensinando a Transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF; Martins Fontes, 2017. OLIVEIRA, L. F. de;

GUÉNOUN, Denis. O Teatro é necessário? São Paulo: Perspectiva, 2004.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 24. ed. [reimpr.] Rio de Janeiro, 2009.

MADUREIRA, José Rafael. O modelo C(L)A(S)P de Keith Swanwick no contexto de ensino de dança. Repertório, Salvador, ano 22, n. 33, p. 137-157, 2019.2.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje: textos e contextos**. São Paulo: Cortez, 1999.

_____. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

_____. **Linguagem da dança: arte e ensino**. 1. ed. São Paulo: Digitexto, 2010.

MARQUES, Isabel A. **Linguagem da dança: arte e ensino** / Isabel A. Marques. -- 1. ed. -- São Paulo: Digitexto, 2010.

MILLER, Jussara. **A escuta do corpo: sistematização da técnica de Klauss Vianna**. 4 ed. São Paulo: Summus, 2020. [e-book]

SILVA, Maria José Albuquerque da. BRANDIM Maria Rejane Lima.

Multiculturalismo e educação: em defesa da diversidade cultural. 2008 Acesso: <https://doi.org/10.1590/S0102-46982010000100002>

PORPINO, Karenine. **Dança é educação**.

[https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25583/3/Dança%20é%20educaçã.pdf](https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/25583/3/Dança%20é%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf) (e-book)

PORTAL DO PROFESSOR. **Burnout: síndrome afeta mais de 15% dos docentes**. Edição 3, jornal do professor. MEC, 2008. Disponível em: [Portal do Professor - Burnout: síndrome afeta mais de 15% dos docentes \(mec.gov.br\)](https://portal.mec.gov.br/portal-do-professor/burnout-sindrome-afeta-mais-de-15-dos-docentes) Acesso em 01/08/2023

RICHARDSON, Roberto Jarry; et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. 12. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

SAMPAIO, Lia. **A dança na escuta do corpo do ribeirinho: o Proformar valorizando os profissionais da educação na Amazônia**. Manaus: UEA edições, 2015.

SILVA, Caroene Neves; SOARES, Artemis de Araújo. **A poética do corpo: liquidez dos corpos**. In: SOARES, A. A; PAIXÃO, A. U. A; BARCELAR, G. R. **Corpo, sociedade & extensões**. São Paulo: Alexa Cultural, p. 171 – 190, Manaus: EDUA, 2020. Disponível em: <https://feff.ufam.edu.br/livros-e-capitulos-de-livros-publicados.html>. Acesso em 07 jun. 2022.

SILVA, Luciane da, **CORPO EM DIÁSPORA: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. 2017.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

STRAZZACAPPA, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. In: CADERNO CEDES 53. **Dança e Educação**. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), 2001, v. 21, n. 53, p.69-83. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ccedes/a/jG6yTFZZPTB63fMDKbsmKKv/?lang=pt>. Acesso em: 25 mai. 2021.

ROSENFELD, Kathrin H. **Estética**. 2.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2009.

VIANNA, Klauss. **A dança**. 5. ed. São Paulo: Summus, 2008.

RICHARDSON, Roberto Jarry; et al. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3. ed. 12. Reimpr. São Paulo: Atlas, 2011.

SAMPAIO, Lia. **A dança na escuta do corpo do ribeirinho: o Proformar valorizando os profissionais da educação na Amazônia**. Manaus: UEA edições, 2015.

SILVA, Luciane da, **CORPO EM DIÁSPORA: Colonialidade, pedagogia de dança e técnica Germaine Acogny**. 2017.

STRAZZACAPPA, Márcia; MORANDI, Carla. **Entre a arte e a docência: a formação do artista da dança**. Campinas, SP: Papyrus, 2006.

_____, Márcia. **A educação e a fábrica de corpos: a dança na escola**. Cad. CEDES [online]. 2001, vol.21, n.53 [citado 2020-03-20], pp.69-83. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32622001000100005&lng=pt&nrm=iso. ISSN 0101-3262.

FILMES E DOCUMENTÁRIOS

ANTÔNIA – Uma sinfonia. Direção: Maria Peters. 2019.

FEMINISTAS: o que elas estavam pensando. Direção: Johanna Demetrakas. 2018.

OLIVEIRA, Leandro Roque de.EMICIDA – Amarelo: é tudo pra ontem. LAB Fantasma. Direção: Fred Ouro Preto. 2020.

PANTERA NEGRA. Direção: Ryan Coogler. 2018.

RAINHAS AFRICANAS – Nzinga. DIREÇÃO: Film Afrika. 2023.

RAINHA CLEÓPATRA. Direção: Tina Gharavi. 2023.

MADAM C. J. Walker. Direção: DeMANE Davis. 2020.

SANKOFA – A África que te habita. Direção: Rozane Braga. 2020.

VICENTE Juliana. AFRONTA: 2017.